

LUANA MICHELI MIRANDA

**UMA HISTÓRIA EM PEDAÇOS: DESCOLONIZAÇÃO E IDENTIDADE NO LIVRO
NO SEU PESCOÇO, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

Irati

2023

LUANA MICHELI MIRANDA

**UMA HISTÓRIA EM PEDAÇOS: DESCOLONIZAÇÃO E IDENTIDADE NO LIVRO
NO SEU PESCOÇO, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

**Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em História, no Curso
de Pós-Graduação em História, Área de
Concentração “História e Regiões”, da
Universidade Estadual do Centro Oeste -
UNICENTRO-PR.**

**Linha de pesquisa: Espaços Simbólicos, Saberes e
Corporeidades**

Orientador: Prof. Dr. Davi Silva Gonçalves.

Irati

2023

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da UNICENTRO

M672h Miranda, Luana Micheli
Uma história em pedaços: descolonização e identidade no livro *No seu Pescoço*,
de Chimamanda Ngozi Adichie / Luana Micheli Miranda. -- Irati, 2023.
x, 76 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de
Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, 2023.

Orientador: Davi Silva Gonçalves.

Banca examinadora: Davi Silva Gonçalves, Joana d'Arc Martins Pupo, Danilo
Ferreira da Fonseca
Bibliografia

1. Literatura Africana. 2. Contos nigerianos. 3. Cultura Igbo. I. Título.
II. Programa de Pós-Graduação em História.

CDD 981



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/ UNICENTRO
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPPSP
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH
Área de Concentração – História e Regiões



TERMO DE APROVAÇÃO

Luana Micheli Miranda

Uma história em pedágio: Memória e identidade em No Seu Pesceço de Chimamanda Adichie

Dissertação aprovada em 27/07/2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

Dr. Jerônimo d'Arcy Martins Pagan
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Titular

Dr. Danilo Ferreira da Fonseca
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Titular

Dr. Davi Silva Gonçalves
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Iratí - PR
2023

Dedico este trabalho a todos aqueles que possuem histórias marginalizadas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço o carinho, o apoio e o incentivo de meu esposo, Leonardo Ferreira Paes, e, da mesma forma, agradeço aos meus pais e familiares, em especial, à minha irmã Luma Miranda Tosatti, por também ser mestranda. A ela agradeço pelas conversas sobre as implicações da vida na pós-graduação, as quais geravam conforto em períodos nebulosos.

De maneira especial, agradeço ao meu professor orientador Dr. Davi Silva Gonçalves, por ter me aceitado como orientanda, por ter acreditado na minha pesquisa, pelas conversas, incentivos, correções, bem como por suas aulas. Estendo este agradecimento à professora Dra. Priscila Finger do Prado, por suas aulas no período da graduação e por ter me apresentado a obra de Chimamanda Ngozi Adichie.

Do mesmo modo, aproveito para agradecer a participação da professora Dra. Joana d'Arc Martins Pupo, por ter feito a leitura do meu projeto, por ter aceitado fazer parte da banca, pelas enriquecedoras e inúmeras sugestões teóricas e, também, ao professor Dr. Danilo Ferreira da Fonseca, pelo aceite em participar da banca, por suas aulas, pelas críticas e sugestões.

Registro, ainda, um agradecimento muito especial ao professor Dr. Vanderlei Sebastião de Souza, por me aceitar para que eu fizesse estágio de docência em uma das suas disciplinas de História e, também, aos professores do Departamento de História da Unicentro, sobretudo à professora Dra. Nadia Maria Guariza e ao professor Dr. José Miguel Arias Neto.

Além disso, não poderia esquecer os colegas de viagem de Guarapuava para Irati: Débora Zai Potulski, Maxton Moreira Filho, Jadson Stevan Souza da Silva e Salvador Alves de Souza. Por fim, agradeço todas as pessoas que contribuíram, de uma forma ou de outra, para a realização desta dissertação.

Ademais, agradeço principalmente pelos sete meses de bolsa, concedidos por PDPG/CAPES.

Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder.

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Esta dissertação de mestrado possui como objetivo de análise, **refletir sobre as relações entre literatura e história, ao analisar aspectos sobre descolonização e identidade** nos contos “Jumping Monkey Hill”, “No seu pescoço”, “A embaixada americana” e “Os casamenteiros” do livro *No seu Pescoço*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. A partir dos traços do itinerário das personagens, este estudo buscará averiguar os vestígios dessa abordagem nos espaços simbólicos ocupados pela alimentação, pela língua, pelas vestimentas, no âmbito dos códigos sociais desempenhados pelos personagens homens e pelas personagens mulheres, considerando-se os ritos e os códigos sociais, principalmente no viés do choque da cultura nigeriana versus euro-americana, observando a constituição do lar, a imposição da língua estrangeira e a subjetividade feminina africana/nigeriana. Desse modo, a obra analisada aponta para a discussão sobre a necessidade de trabalhar outro olhar sobre a colonização/descolonização de países africanos como a Nigéria, desta vez a partir da visão do colonizado. Foi notado que Adichie busca contar o outro lado da história da África na sua extensão e pluralidade, em detrimento da história do colonizador, bem como busca enaltecer a riqueza das identidades e nações que não são fixas, além das táticas engendradas no que diz respeito à construção da mulher como sujeito social e histórico. Como base teórica para as análises, foi utilizada como base a contribuição de Aníbal Quijano para expor a respeito da colonialidade do poder; Linda Hutcheon, a respeito da relação entre literatura e história. Por conseguinte, Stuart Hall foi utilizado para auxiliar esta pesquisa acerca da identidade cultural, além de muitos outros pensadores que complementam a temática em questão.

Palavras-chave: Literatura Africana; Contos nigerianos; Cultura Igbo.

ABSTRACT

This master's thesis has the objective of analysis to reflect on the relationship between literature and history, by analyzing aspects of decolonization and identity in the short stories "Jumping Monkey Hill", "No seu pescoço", "A embaixada americana" and "Os casamenteiros" from the book *No seu pescoço*, by Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie. From the traces of the characters' itinerary, the study will investigate the traces in the symbolic spaces occupied by food, language, clothing, in the social codes performed by the male characters and by the female character, the rites and social codes, mainly in the bias of the shock of Nigerian versus Euro-American culture. The constitution of the home, the imposition of the foreign language and the African/Nigerian female subjectivity were observed. The work points to the discussion about the need to work with another look at the colonization/decolonization of African countries like Nigeria, this time from the point of view of the colonized. It was noted Adichie seeks to tell the other side of the history of Africa in its extension and plurality, to the detriment of the history of the colonizer. As well as the richness of identities and nations that are not fixed, in addition to tactics in the construction of women as a social and historical subject. With a theoretical basis for the analysis, Aníbal Quijano was used to expose about the colonality of power, Linda Hutcheon about the relationship between literature and history, Stuart Hall was used about cultural identity and many other thinkers who complement this research.

Keywords: African Literature; Nigerian Tales; Igbo Culture.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1	
1.1 Nigéria: Localização, Geografia e População.....	16
1.2 Um pouco sobre a história de colonização da Nigéria.....	18
1.3 A mulher e a colonialidade do poder: o imperial, o capital e o pós-colonial.....	22
1.4 Corpo e não corpo.....	27
1.5 O perigo de uma história única.....	31
Capítulo 2	
2.1 Introdução: Literatura e História.....	36
2.2 Literatura e História: a arte construído da vida.....	37
Capítulo 3	
Escrita, Multiculturalismo e Identidades Decoloniais.....	47
Capítulo 4	
Lar, Língua, Comida, Roupas e Códigos sociais.....	58
Considerações Finais	71
Referências Bibliográficas	73

Introdução

Mediante a agitação e a efervescência dos anos recentes (crise econômica, governos autoritários, pandemia, etc.), a discussão histórica sobre o pós-colonialismo se faz vertiginosamente necessária para abordar a ideia de descolonização¹, uma noção que envolve muitas e diferentes expressões, como a da própria colonização. Nesse sentido, diversas culturas e povos estão enfrentando inúmeras experiências de descolonização, seja como ex-colônias ou em relação a ex-colonizadores, pondo em xeque os efeitos duradouros de sistemas e tradições que perduram de um passado que muitas vezes parece não ter acabado. Por isso, **a exposição desta dissertação está centrada em diálogos decoloniais e a construção de identidades dentro da literatura através dos contos da escritora Chimamanda Ngozi Adichie.**

Historicamente o legado dos impérios coloniais ainda está presente em diferentes níveis e no que diz respeito às dinâmicas cotidianas de extração, separação, acumulação, opressão, etc. Isso porque o fim das colônias não significou o fim da colonialidade, já que o sistema colonial e suas lógicas, embutidas na modernidade e no pensamento ocidental, têm reproduzido dinâmicas e violências epistêmicas, delineando e influenciando as formas como percebemos o mundo. Nesse quadro, os contos de Adichie questionam, desestabilizam, desvinculam, repensam e desobedecem às ideologias coloniais. Desse modo, eles fazem um convite para des/encontrar, articular diálogos que emergem e discutir uma perspectiva diferente a partir e com o colonizado. Nesse ínterim, o objetivo deste trabalho é **estabelecer uma ponte entre os contos e perspectivas sobre a experiência decolonial africana/nigeriana.**

Trabalhar com os subalternizados comporta abordagens que ampliam as formas de compreender e de interagir com teorias dinâmicas. Nessa perspectiva, o que se propõe, aqui, portanto, é **refletir sobre a persistência de estruturas, acerca das práticas coloniais e do empoderamento de mulheres negras, diáspóricas e marginalizadas.** Assim, é através da **literatura como fonte histórica** que se busca promover abordagens críticas e fazer uma ponte entre a discussão colonial e a formação de identidades, refletindo sobre as possibilidades de análise dessas narrativas e discursos.

Nesse contexto, a presente pesquisa buscou desenvolver reflexões acerca dos contos da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, publicados na coletânea intitulada *No seu pescoço*, da qual foram selecionados quatro contos.

¹ Existem características especiais, que permitem a diferenciação teórica dos termos descolonial e decolonial. O descolonial se opõe ao conceito de colonialismo, enquanto o decolonial se opõe ao de colonialidade. No entanto, no presente trabalho, não vão ser aprofundadas essas distinções historicamente construídas.

Nesse âmbito de discussões, inadequado seria esquecer de situar a escritora. Adichie nasceu em Enegu, Nigéria, em 1977, sendo a quinta filha de seis filhos. Adichie pertence a uma família Igbo, uma das três grandes etnias nigerianas. Como foi observado, principalmente no conto “Os Casamenteiros”, a confiança tradicional na família étnica e nas redes de parentesco continuam fortes em toda a Nigéria. Na obra, existe um carinho especial pela cidade/comunidade/aldeia de origem dos seus antepassados. Nesse sentido, vale destacar que a aldeia ancestral de Adichie é Abba, mas a escritora cresceu em Nsukka. Desse modo, Adichie provém de um berço universitário, visto que seu pai era professor de estatística na Universidade de Nsukka e sua mãe era graduada em sociologia e tabeliã da mesma universidade.

Chimamanda Ngozi Adichie é autora do livro *Hibisco Roxo*. Sua primeira obra, publicada 2003, que possui uma narradora, a adolescente Kambil, mostra como a religiosidade católica extremista de seu pai, Eugene, afeta a vida de sua família.

Em 2007, lançou *Meio Sol Amarelo*, vencedora do Orange Prize, havendo essa obra inclusive sido adaptada para o cinema em 2013. Trata-se de uma instigante obra de metaficção que intercala fatos históricos e fictícios, antes e durante a guerra de Biafra, por meio da história de três personagens narradores: Ugwu, Olanna e Richard. Ugwu é um menino de origem camponesa, Olanna é rica e Richard é um jornalista inglês. Trata-se de uma história sobre a guerra e a criação da República de Biafra, contada a partir de três perspectivas diferentes.

No seu pescoço foi publicado em 2009, e é o livro que foi trabalhado nesta dissertação. Trata-se de uma coletânea de doze contos que relatam histórias principalmente de protagonistas mulheres nigerianas, construídas num profundo esforço para reconciliar suas forças perante as adversidades da vida.

Sobre a autora, vale destacar, ainda, que uma das suas últimas produções ficcionais, *Americanah*, de 2013, conta a história da personagem Ifemelu, sua experiência nos Estados Unidos e como sua identidade de mulher, jovem, estudante, negra, nigeriana e africana reverbera no estrangeiro. Além disso, ela também publicou ensaios como *Sejamos todos feministas* de 2014, adaptação de uma palestra que ministrou na Nigéria em dezembro de 2012. *Para educar crianças feministas*, publicado em 2017, retoma o tema da igualdade de gêneros através da educação e da defesa de uma formação igualitária para todas as crianças, que se inicia pela justa distribuição de tarefas entre pais e mães, meninos e meninas.

Suas obras foram traduzidas para mais de trinta línguas e apareceram em inúmeros periódicos, como as revistas *New Yorker* e *Granta*. Depois de ter recebido uma bolsa da MacArthur Foundation, Chimamanda vive entre a Nigéria e os Estados Unidos. Juntas, suas conferências no TED já somam mais de 20 milhões de visualizações. Nessa trajetória

intelectual, sua última publicação não é literária. Trata-se do livro *Notas sobre o Luto* (2021), um relato acerca da morte, que ela escreveu pouco depois de perder seu pai. Outrossim, pode-se afirmar que o que une suas obras é que elas trazem principalmente personagens mulheres/negras/nigerianas vivenciando uma sociedade pós-colonialista, bem como sua atuação perante as adversidades.

A obra que iremos trabalhar, *No seu pescoço* (2017), com tradução brasileira de Julia Romeu, traz doze contos: “A cela um”, “Réplica”, “Uma experiência privada”, “Fantasmas”, “Na segunda-feira da semana passada”, “Jumping Monkey Hill”, “No seu pescoço”, “A embaixada americana”, “O tremor”, “Os casamenteiros”, “Amanhã é tarde demais”, e o último “A historiadora obstinada”. São contos densos, que suscitam uma intensa reflexão acerca da hierarquização cultural/social/gênero, principalmente sobre a condição opressiva imposta à mulher, sendo que, em sua maioria, eles trazem como protagonistas mulheres nigerianas.

Pela amplitude do tema, optou-se por trabalhar com quatro contos: “Jumping Monkey Hill”, “No seu pescoço”, “A embaixada americana” e “Os casamenteiros”, devido ao fato de que todos problematizam questões de identidade e de neocolonização. O critério para seleção do corpus foi porque os quatro contos apresentam, de alguma maneira, o embate com a cultura nigeriana/estadunidense e, também, com a cultura inglesa.

O sexto conto do livro, intitulado “Jumping Monkey Hill”, está ambientado na Nigéria e é narrado em terceira pessoa. Nele, o protagonista é Ujunwa: uma escritora nigeriana que foi convidada para participar de um workshop de autores africanos. O evento foi organizado por um inglês, Edward, e sua esposa, Isabel. A sugestão é que os escritores tratem a ambientação e as histórias por uma visão heterogênea pelo viés do estrangeiro. Desse modo, serão analisadas as causas, os desconfortos e as críticas ácidas da personagem Ujunwa, que escreve seus pesares pessoais que revelam a pluralidade das histórias africanas bem como a opressão imposta às mulheres negras.

O sétimo conto do livro é “No seu pescoço”, que dá nome à coletânea. Neste, temos outra jovem como protagonista: Akunna. O interessante é que o conto é narrado em segunda pessoa, o que coloca o leitor no lugar da personagem. Akunna foi ganhadora da “loteria do visto americano”, e foi quando seus familiares disseram que “daqui um mês, você vai ter um carro grande. Logo uma casa grande” (ADICHIE, 2017, 125). No entanto, o sonho americano é desfeito através do abuso sexual, da dificuldade financeira, dos percalços educacionais, bem como dos problemas de moradia e da falta de apoio familiar. Na Nigéria, as situações de miséria são parecidas, mas ela tinha seus pais e amigos por perto; nos Estados Unidos, ela conseguiu

um namorado, mas percebe que ele está com ela por outras intenções. Isso tudo faz com que se sinta sufocada, até que toma uma decisão, conforme será apresentado mais adiante.

O oitavo conto do livro, “A embaixada americana”, é ambientado na Nigéria e narrado em terceira pessoa. O conto revela os desafios de ganhar “a loteria do visto americano”, ao apresentar uma mulher que não é nomeada procurando abrigo e proteção nos Estados Unidos. O único personagem que é nomeado é o filho da protagonista: Ugonna. Ela era jornalista como seu marido, mas acabou desistindo do emprego, devido à sua gravidez de risco. Como seu marido era um jornalista pró-democracia, ele passou a sofrer perseguições pelo governo ditador, colocando sua família em risco. O tempo da narrativa se passa na fila para a entrevista do visto americano, com as memórias da protagonista revelando os acontecimentos nas últimas semanas. O ápice da narrativa é o final, que se passa diante da implacável atendente americana.

O décimo conto do livro, “Os casamenteiros”, é ambientado nos Estados Unidos. Chinaza, nossa personagem principal, conta a história em primeira pessoa. Ela chega aos Estados Unidos graças ao casamento arranjado por seus tios, que a adotaram. Assim como no conto “No seu pescoço”, o sonho americano também é desfeito, começando pela casa, que era um prédio antigo e malconservado, diferente das casas com gramado da cor de pepino que ela via em filmes americanos. Chinaza leva consigo toda uma bagagem cultural Igbo, mas, infelizmente, seu marido, em busca de integração americana, nega sua ancestralidade. Um exemplo disso é seu costume de “corrigir” a esposa acerca de como ela deve usar a língua inglesa. Para assumir uma “identidade americana”, é preciso assumir um nome americano, sendo que, de Ofodile Okafor, optou para Dave Bell. Com a comida não foi diferente, ao invés de preparar arroz de coco, Chinaza passou a preparar batata e frango frito.

Por essas breves sinopses, é possível perceber que aparecem, nos contos, questões de identidade e de neocolonização, as quais foram analisadas à luz do referencial oriundo da literatura especializada sobre os temas em questão. Nesse sentido, esta pesquisa é importante porque, assim como a escritora Adichie quebrou os seus estereótipos através da leitura de livros de escritores africanos, os seus livros também são fontes para esse processo, sendo que, também, é pela narrativa literária que foram abordadas questões decoloniais e acerca da identidade africana. Portanto, **foram analisados os espaços simbólicos ocupados pela alimentação, pela língua, pelas vestimentas, pelos ritos e pelos códigos sociais desempenhados pelos personagens homens e pelas personagens mulheres, principalmente no que diz respeito ao viés do choque da cultura nigeriana versus estadunidense e inglesa.**

Nessa esteira de considerações introdutórias, o objetivo geral desta investigação consistiu em **problematizar as relações entre literatura e história, ao analisar aspectos**

decoloniais e de identidade nos quatro contos supracitados. De igual forma, no âmbito dos objetivos específicos, buscou-se **analisar a questão da identidade nigeriana, de modo a perceber como Adichie trabalha a matéria histórica em seu conto, além de apresentar o percurso das personagens nos contos selecionados para verificar como se constroem as relações entre história e literatura.**

Para a realização deste trabalho, que se constrói sobre uma metodologia bibliográfica e analítica, primeiro será apresentada brevemente a *Nigéria: localização, geografia e população*. Na sequência, haverá considerações acerca da história de colonização da Nigéria através dos olhos de Chinua Achebe. Em seguida, resgatar-se-á as contribuições de Anibal Quijano, considerando o conceito de colonialidade do poder, ligado às questões econômicas e raciais. Para complementar, Maria Lugone será mobilizada para ampliar as questões de gênero. Depois, mais especificamente na subseção que tem por subtítulo 1.4 *O perigo de uma história única*, observando as perspectivas do ensaio presentes nos contos. A seguir, o segundo capítulo, *Literatura e História: a arte construto da vida*, traz a discussão situada entre a relação entre literatura e história na perspectiva teórica de Linda Hutcheon, extraída do livro *Poética do Pós-modernismo*. O terceiro capítulo, *Escrita, Multiculturalismo e Identidades Decoloniais*, está baseado principalmente nos estudos de Stuart Hall, principalmente nos seus conceitos de multiculturalismo e de identidade. O quarto capítulo, *Lar, Língua, Comida, Roupa e Códigos Sociais*, pauta-se nos aspectos da vida social e, finalmente, serão apresentadas as Considerações Finais.

Capítulo 1

1.1 Nigéria: Localização, Geografia e População

A Nigéria é o país mais populoso da África, com mais de 206 milhões de pessoas, e o décimo primeiro maior produtor de petróleo do mundo. A população nigeriana é composta por diversos grupos étnicos e possui uma enorme diversidade linguística. Além disso, o país é rico em recursos naturais.

O país está localizado na região da África Ocidental, abrangendo 356,668 milhas quadradas, faz fronteira, ao sul, com as baías de Benin e Biafra, que ficam no Golfo da Guiné, no Oceano Atlântico; a oeste, com o Benim, ao norte, com o Níger, a nordeste, numa estreita faixa, divide-se com o Chade e ao leste com Camarões (FALOLA; HEATON, 2008).

Os territórios que compõem a atual Nigéria exibem diversas características geográficas, variando de tropical no sul a árido no norte. A área ao redor do Delta do Níger contém densos manguezais e pântanos, enquanto o resto do sul do país é densamente arborizado. Planaltos e colinas são predominantes no centro do território (FALOLA; HEATON, 2008).

Há, também, montanhas no Leste. Mais ao norte, ainda estão as planícies de savana e, no extremo norte, a área semidesértica conhecida como Sahel. A nação vive duas estações principais: a estação chuvosa, que vai de maio a outubro, e a estação seca. Durante a estação seca, um forte vento frio chamado harmattan sopra do Saara, carregando partículas de areia do deserto, causando a desertificação das savanas do norte (FALOLA; HEATON, 2008).

A principal artéria de comércio e de comunicação na região historicamente tem sido o rio Níger, o terceiro maior rio da África, que percorre 730 milhas através da Nigéria. Além dele, destacam-se os rios Benue, Sokoto, Kaduna e Gongga (FALOLA; HEATON, 2008).

A geografia diversificada do lugar produz uma ampla gama de recursos naturais. Além disso, a riqueza mineral inclui grandes depósitos de carvão, ferro, estanho e columbita, bem como chumbo, cobre e zinco. Pequenas quantidades de ouro, prata e diamantes também foram descobertas em vários lugares (FALOLA; HEATON, 2008).

O país é famoso por suas grandes reservas de petróleo. Desde a década de 1970, o petróleo tornou-se a mercadoria mais importante na economia nigeriana, e as vendas de petróleo constituem mais de 90% das receitas de exportação do país e mais de 75% das receitas do governo. A dependência do petróleo como principal fonte de riqueza do país contribuiu muito para a instabilidade econômica (FALOLA; HEATON, 2008).

Ademais, o local tem grande variedade de paisagens agrícolas, produzindo um amplo espectro de produtos agrícolas. As culturas alimentares incluem inhame, mandioca, banana, banana-da-terra, arroz, milho, painço, frutas cítricas, amendoim, cacau e produtos de palma (óleo, grãos e vinho). Esses produtos são produzidos tanto para consumo interno quanto para a exportação. A produção de cacau no sudoeste, a produção de óleo de palma no sudeste e a produção de amendoim no norte forneceram a base da economia da "cultura comercial" da era colonial, durante a qual a produção desses itens foi aumentada exponencialmente, objetivando unicamente a exportação (FALOLA; HEATON, 2008).

Produtos não alimentícios também são abundantes na Nigéria. Algodão, borracha e madeira, em particular, têm sido commodities importantes, usados tanto na manufatura doméstica quanto como commodities de exportação ao longo dos anos. A pecuária também tem sido uma ocupação importante em toda a Nigéria. Nas savanas do norte, em particular, a criação de gado tem sido um aspecto importante da economia, fornecendo carne e leite, bem como peles. Cabras, galinha-da-angola, caracóis e ovos têm sido as principais fontes de proteína e itens comerciais também. Nas comunidades costeiras, a pesca tem sido uma importante atividade econômica. A agricultura continua sendo a principal atividade da população rural (FALOLA; HEATON, 2008).

Trata-se do país mais populoso da África, com mais de 206 milhões de habitantes. Ao longo da história, o trabalho e a engenhosidade dos próprios nigerianos têm sido a principal força motriz da economia. Historicamente, o trabalho agrícola complementou-se com o artesanato local em áreas como serralharia, marroquinaria, construção, têxtil, cervejeira, construção civil, construção de barcos, etc. (FALOLA; HEATON, 2008).

Durante muito tempo, o próprio trabalho humano foi uma mercadoria que podia ser comprada e vendida. Os escravos foram um importante item de comércio por muitos séculos em partes da Nigéria e desempenharam papéis importantes nas economias domésticas de muitos estados da região nigeriana nos séculos que antecederam o século XX. Com o início do domínio colonial, no final do século XIX e início do século XX, a escravidão doméstica foi lentamente erradicada apesar de o próprio governo colonial ter se utilizado do trabalho forçado para construir grande parte de sua própria infraestrutura (FALOLA; HEATON, 2008). No entanto, é importante pensar o quanto os países imperialistas europeus, principalmente a Inglaterra, lucraram com as vidas humanas e os recursos naturais dessas pessoas.

A grande população da Nigéria é muito diversificada, consistindo em mais de 200 grupos etnolinguísticos diferentes. Três grupos étnicos principais compõem a maioria da população. Há os Hausa, localizados nas savanas do norte, representam cerca de 21% da população,

enquanto os Yorubá, localizados no sudoeste do país, representam 20%, e os Igbo do sudeste, 17%. Outros grupos étnicos com populações relativamente grandes incluem os pastores Fulani das savanas, os Ijaw da região do Delta do Níger, os Kanuri da região do Lago Chade, os Ibibio em torno de Calabar no sudeste e os Nupe e Tiv do cinturão médio. Embora mais de 250 línguas indígenas diferentes sejam faladas na Nigéria, o inglês é a língua oficial do país desde a década de 1960. O pidgin é uma combinação de línguas indígenas e inglês, que se desenvolveu ao longo de centenas de anos de contato com comerciantes britânicos e, posteriormente, com autoridades coloniais, também continua sendo comumente usado (FALOLA; HEATON, 2008).

Após essas breves apresentações geográficas e populacionais, dar-se-á sequência sobre a história da colonização da Nigéria relatada por Chinua Achebe.

1.2 Um pouco sobre a história de colonização da Nigéria

Um dos percursores da Chimamanda Ngozi Adichie, Chinua Achebe expõe um pouco sobre o processo da colonização da Inglaterra na Nigéria. Seu livro de ensaios *A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico* (2012) conta, de maneira dinâmica e irônica, o processo colonial através da sua experiência de vida. A obra não está interessada em contar os prós e os contras do domínio colonial sendo que, se fosse por isso, contaria só os contras.

Assim, Achebe possibilita uma visão da ideologia igbo através dos “acontecimentos não a partir do primeiro plano, nem do plano de fundo, e sim da perspectiva do meio-termo” (ACHEBE, 2012, p. 14), que corresponde ao provérbio igbo: “onde quer que haja Alguma Coisa, Alguma Outra Coisa virá ficar a seu lado” (ACHEBE, 2012, p. 15), o que não condiz com a singularidade, mas com a dualidade.

O meio-termo não é a origem das coisas, tampouco das últimas coisas; ele tem consciência de um futuro para onde se dirigir e de um passado onde se apoiar; é a morada da dúvida e da indecisão, da suspensão da descrença, do faz de conta, da brincadeira, do imprevisível, da ironia. [...] (ACHEBE, 2012, p. 15).

Achebe explica que os igbos acham que tal premissa pode ser associada à posição afortunada do meio porque isso evita o fanatismo do caminho único, da verdade única e da vida única. Nessa lógica, quando surge um conflito humano, busca-se resolvê-lo e não saber quem está com a razão. No casamento também há essa busca por manter a harmonia.

Além disso, ele expressa, a respeito do conflito colonial, que os igbo lutaram no campo de batalha e perderam, depois levantaram todas as barricadas possíveis e perderam novamente.

No entanto, o processo de colonização não foi tão rápido e ele dá um exemplo, afirmando que os primeiros missionários chegaram em Onitsha em 1957 e avançaram para a cidade de Achebe em Ogidi, em 1892. Ademais, é situado que as cidades possuíam onze quilômetros de distância e foram percorridas pelos missionários em trinta cinco anos. Nessa esteira, o escritor expressa qual é sua opinião sobre o domínio colonial:

A meu ver, é um grave crime qualquer pessoa se impor a outra, apropriar-se de sua terra e de sua história, e ainda agravar esse crime com a alegação de que a vítima é uma espécie de tutelado ou menor de idade que necessita de proteção. É uma mentira total e deliberada. Parece que até o agressor sabe disso, e é por essa razão que ele às vezes procura camuflar seu banditismo com essa hipocrisia tão descarada (ACHEBE, 2012, p. 17).

Achebe argumenta que a colonização pode ter tirado as terras e a liberdade do seu povo, mas não consegue tirar o senso de humor. Desse modo, o colonizador, ao criar esse sistema para extorquir os povos, acaba perdendo essa habilidade do senso do ridículo. Segundo o autor, o riso ajuda os desafortunados a ficar acima da desolação e do desespero “pois o humor é algo essencialmente humano” (ACHEBE, 2012, p. 18).

Achebe nasceu no meio termo da religiosidade cristã e da sua ancestral igbo. Seu pai era evangelista e sua mãe estudou numa escola recém-fundada para moças. Sua mãe relata que teve uma experiência assustadora ao encontrar, certa noite, a dentadura de sua chefe Miss Edith Ashley Warner, o que, nas palavras de sua mãe, tratava-se de “sua boca inteirinha”. Outro foi o fato da mãe de Achebe rir da Miss Warner por ela ter pronunciado a frase “Awakwana afele”, que é uma maneira de falar infantilmente. Na ocasião, a mãe de Achebe tomou uma surra por conta disso e foi instruída a não rir, por causa de alguma palavra pronunciada errada ou algo do gênero.

Achebe narra que, quando chegou sua vez de ir para a escola, não havia mais professores missionários. Eram professores nativos, mas o legado das surras inclementes também permaneceu, não por rir, mas por causa da punição ao cometer algum erro.

É citado, ainda, que seu pai colocava cartazes educativos nas paredes da casa. Ao iniciar suas primeiras palavras, lembra-se que teve dificuldade em decifrar “Right wrong” certo ou errado? Chega a comentar, desse modo, que a até a Miss Warner iria rir com sua dificuldade de distinguir verbos e substantivos em inglês.

Nesse entremeio, Achebe passou sua infância sendo instruído no cristianismo e observando, à distância, os espetáculos e os sons tradicionais da religiosidade igbo. Sua exclusão gerava ainda mais interesse. Um festival muito esperado era o Nwafor:

[...] Nwafor, o feriado mais importante do ano, durante o qual ancestrais mascaradas de todo tipo deixavam suas moradas subterrâneas e, passando através dos formigueiros, vinham visitar os vivos. Durante oito dias inteiros nós os víamos, de uma distância razoável, pois eles e seus acompanhantes levavam feixes de chicotes, com os quais por vezes açoitavam a si próprio para provar sua força e resistência, e certamente castigariam você ou quem quer que estivesse à vista. Nós contávamos quantos mascarados víamos por dia, calculávamos a soma ao final dos oito dias e então comparávamos nosso total com o do ano anterior. Em um ano bom, o número chegava a bem mais de uma centena. E, segundo a regra, mesmo que você visse o mesmo mascarado dez vezes (como podia acontecer com os mais vivazes), só podia contá-lo uma vez (ACHEBE, 2012, p. 21).

Achebe comenta que o cristianismo dividia a cidade em duas: o povo da igreja e o povo do mundo. No entanto, havia muitas passagens por essa fronteira. Os cristãos apreciavam os sons e eventos tradicionais e os não cristãos observavam de perto as práticas da igreja. Nas palavras do escritor, os cristãos têm suas próprias festas, sendo uma grande, o Natal, e a outra pequena, a Páscoa, apesar de os ministros afirmarem o contrário.

Além dessas comemorações, havia o dia do Império, em 24 de maio, e o aniversário, em 27 de julho. O dia 24 de maio era o aniversário da rainha Vitória. Um evento muito importante para a instituição escolar, no qual os alunos de vários distritos marchavam em grandes blocos diante do governador, que se apresentava todo de branco, com um capacete emplumado e com a espada na cintura. As comemorações ocorriam na sede da província, em Onitsha. O dia terminava com competições esportivas entre as escolas. Some-se a isso o fato de que, no dia 27 de julho, era a comemoração anual da chegada do Evangelho à terra dos Igbo, em 27 de julho de 1857. Conta-se, em relação a isso, que o bispo Adjai Crowther e sua equipe de missionários chegaram num dia de chuva forte, e por isso todas as comemorações do Aniversário são prejudicados pelo mau tempo. O lado bom do Aniversário era que os estudantes sempre ganhavam inhames e um belo cozido (ACHEBE, 2012).

Ele expõe que os colonizadores quase nunca faziam os trabalhos na administração, na igreja ou no comércio, mas nem por isso, se diminuía sua autoridade. O nome do governador britânico da Província de Onitsha, o capitão O'Connor, por ser tão mencionado, originou uma faixa etária com seu nome. Na tradição igbo, cada faixa etária funciona como um grupo na aldeia, que começa na infância e vai até a vida adulta. Assim, o nome do governador constituiu a primeira pessoa branca a servir de nome para uma faixa etária na tradição Igbo. O bispo no Níger², o reverendíssimo bispo Bertram Lasbrey, vinha à igreja de Ogidi uma a cada dois a três anos (ACHEBE, 2012).

² A aldeia de Ogidi tinha como título oficial “diocese no Níger”, não “do Níger” mas “no”. Logo, o bispo era bispo no Níger (ACHEBE, 2012).

Achebe também comenta a interferência da Segunda Guerra Mundial, que inicialmente era um distante pano de fundo, mas que passou a ser realidade quando dois homens brancos e seus assistentes vieram à escola e recrutaram seu professor de arte. O escritor lembra que eles eram leais à Grã-Bretanha. Houve a campanha para o aumento do óleo de dendê no auxílio da guerra. Na ocasião, seu diretor disse que cada coquinho de palmeira que eles colhessem na mata serviria para comprar mais um prego para o caixão de Hitler. Com a progressão da guerra, os alimentos iam ficando cada vez mais escassos, sendo que o sal foi um dos alimentos que primeiro foi racionado e depois desapareceu do mercado.

Achebe, depois de concluir o ensino fundamental, estudou num dos mais renomados colégios do período colonial o então *Government Collège de Umuahia*. Com a Segunda Guerra Mundial, o colégio serviu de prisão para cidadãos alemães e italianos, mas, em 1944, foi devolvido para a educação. De alguma forma, o diretor, William Simpson, contribuiu para a formação de escritor de Achebe. Embora Simpson fosse professor de matemática, decretou uma norma que promovia a leitura de romances, biografias e revistas e excluía a leitura de livros didáticos depois das aulas.

Os ex-alunos *Government Collège de Umuahia* tiveram um papel em destaque na formação da literatura moderna africana. Achebe cita, como nome dos escritores, muitos dos seus colegas que frequentaram a mesma escola: Christopher Okigbo, Gabriel Okara, Elechi Amadi, Chukwuemeka Ike, I. N. C. Aniebo, Ken Saro-Wiwa e outros. É importante destacar que ele relata que, na biblioteca da escola da Umuahia, o que os alunos africanos liam eram os mesmos livros que os garotos ingleses liam na Inglaterra: *A ilha do tesouro*, *Os tempos de escola de Tom Brown*, *O prisioneiro de Zenda*, *David Copperfield*. A literatura estrangeira/colonialista não falava sobre os africanos, mas, segundo Achebe, eram histórias emocionantes, mesmo histórias perturbadoras como as de John Buchan, em que homens brancos lutavam heroicamente e derrotavam os repulsivos habitantes nativos. Entretanto, tudo isso foi sendo uma excelente preparação para o dia em que os nigerianos/africanos teriam idade para ler nas entrelinhas, fazer indagações e escrever suas próprias histórias (ACHEBE, 2012).

Acrescenta-se a tudo isso que, no ensaio intitulado *A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico* (2012), Achebe percebe “o que é grandioso no ser humano é nossa capacidade de enfrentar e vencer a adversidade, não nos deixando definir por ela, nos recusando a ser apenas seu agente ou sua vítima” (ACHEBE, 2012, p.31). Nesse ensaio, o escritor sugere a força da imprevisibilidade na vida humana, por causa da qual ele não se deteve nas duras humilhações do domínio colonial ou nos dramáticos protestos contra ele. Nesse sentido, não é exagero afirmar que o autor era fascinado pelo meio-termo, esse terreno intermediário onde o

espírito humano reluta em reduzir sua humanidade. Ele chega até mesmo a pontuar que o meio-termo encontrava/encontra principalmente no campo do colonizado, mas, de vez em quando, também no colonizador (ACHEBE, 2012).

Chimamanda Ngozi Adichie, em *Sejamos todos feministas* (2015) também possui a visão do meio. Ela expõe que a cultura está sempre em transformação e que, na cultura Igbo, o nascimento de gêmeos era um mau presságio e que, cem anos atrás, essas crianças eram assassinadas, relatando, inclusive o fato de que hoje ela tem duas sobrinhas gêmeas lindas. Trata-se, portanto, de uma prática que se tornou impensável atualmente.

Adichie (2015) revela que é a pessoa mais interessada pela história de sua família, suas terras, seus ancestrais e suas tradições. Seus irmãos não têm muito interesse por isso. No entanto, ela não pode ter voz ativa, porque a cultura Igbo favorece os homens e só eles podem participar de reuniões em que as decisões mais importantes são tomadas. Por tais razões, apesar de ser a mais empenhada nos assuntos familiares, não pode frequentar as reuniões e não tem direito a voz porque é mulher. Como se observa, Adichie provém de uma cultura misógina assim com a cultura ocidental. Esse assunto será melhor trabalhado no decorrer da dissertação.

Depois dessas breves noções preliminares, será discutido a mulher e a colonialidade do poder inicialmente com Aníbal Quijano.

1.3 A mulher e a colonialidade do poder: o imperial, o capital e o pós-colonial

Primeiramente, discutiu-se como se constituiu o novo padrão de poder do capitalismo/moderno/colonial que se estabeleceu historicamente e trouxe uma nova forma de organizar grande parte do poder no mundo, que **Aníbal Quijano** (2005) nomeia como **colonialismo do poder**. De acordo como o autor, a América foi o palco central da mudança associada ao modo geral como se organiza o poder no mundo. Além disso, **o poder colonial está diretamente ligado à categorização de raças**.

Quijano (2005) não discute a questão do conceito de **raça** na perspectiva biológica, mas trata-se de **um conceito histórico criado** num dado período com determinada finalidade: **a dominação e a subjugação de alguns povos, contribuindo para o detrimento das condições da vida dos colonizados, para proporcionar o desenvolvimento econômico da Europa, principalmente da Europa Ocidental**. Nessa lógica eurocêntrica, o continente europeu é considerado o centro da civilidade, o centro do pensamento, do progresso científico, econômico, do liberalismo, das ideias que trouxeram grandes mudanças em todas as áreas de conhecimento

e, também, do convívio do ser humano. Em outras palavras, esse “centro” articula e reverbera a crença de que existe um conhecimento universal e linear.

Nesse sentido, por que a Europa continua sendo vista como representação do centro da civilidade? Para responder essa questão, é necessário compreender o contexto em que essa representação foi gestada. Como se depreende, raça foi um conceito criado para dominação principalmente do trabalho, da cultura, da produção e dos recursos de outros povos que foram colonizados e tiveram mais contado com os europeus no período colonial. Nesse contexto, ser português ou espanhol era uma categorização geográfica. Agora, os europeus vão se encontrar como brancos quando se encontram filosoficamente na estrutura de poder, delimitando o negro e o índio com uma função específica (QUIJANO, 2005).

Nesse sentido, o branco passou a ser visto como aquele que possuiu razão e civilidade, dono dos preceitos fundamentais da razão moderna da Europa. Afirmava-se, nesse sentido, que o ser humano racional continha legitimidade para dominar a natureza daqueles que não compactuavam com a civilização europeia, com a sociedade civil como ela era/é organizada. Os que estavam/estão fora deste círculo são meros primitivos e ligados com a natureza. Em outras palavras:

[o] colonialismo está relacionado ao evento histórico do capitalismo industrial e aos imperativos materiais da modernidade, ao mesmo tempo que atravessa o campo das representações, dos discursos e dos valores. Como tal, foi experienciado, pela pluralidade de sujeitos envolvidos, na totalidade da vida social e na própria definição dos termos em que essa realidade se apresentava à experiência, classificando-a e hierarquizando-a (TRAJANO FILHO; DIAS, 2014, p. 9-10)

Por isso, a legitimidade de dominação dos brancos em relação aos negros foi validada por esse caminho filosófico: branco/racional/civilização *versus* negro/irracional/natureza. Logo, o último pode ser dominado. Nessa égide, foi estabelecida uma divisão racial do trabalho, e as pessoas foram categorizadas “funcionalmente” justamente por causa da sua cor. Formulou-se uma pirâmide hierárquica das raças: o branco, logicamente, no topo (porque foi ele quem delimitou essa categorização) e os dominados são colocados mais abaixo: mestiços, índios, negros etc.

Essa divisão racial do trabalho vai reverberar em todos os campos sociais, não somente no trabalho, mas também na cultura, na religião, no desenvolvimento científico e na escrita da história porque o branco tinha o privilégio de ser o assalariado, enquanto que, ao negro, restou ser escravizado. Desse modo, a escravização não foi causada por dívidas ou por guerras, mas pela hierarquia das cores.

Os povos indígenas tiveram tratamento diferenciado na América, mas, ao fim, pode-se concluir que eles acabaram tendo um papel de serviçal. O negro se tornou propriedade, foi transformado em escravo e seus recursos foram retirados, em prol de um mercado internacional que deu frutos ao capitalismo. Assim, pode-se dizer que o sistema capitalista moderno está baseado num sistema escravocrata das Américas e da África.

A partir disso, houve uma reidentificação do restante do mundo, tendo a Europa como centralidade. Nesse ínterim, a Europa, que era centralidade do capitalismo e do mercado, passou a ter centralidade cultural, de conhecimento e da história. Desse modo, a linha do tempo é alterada com o início no despertar da Europa.

Assinale-se, ainda, que a ideia de sociedade/natureza e sociedade/civil que foi sistematizada pelos modernos são referenciados pela Europa e aqueles que estão “atrasados” nessa linha evolutiva são menos desenvolvidos, inferiores, sem legitimidade do seu conhecimento, da sua história, sem identidade própria. Essa manutenção está calcada na ideia de ter a Europa como padrão a ser seguido, como um modelo de humanidade.

A partir desse momento, o espectro do que é a Europa torna-se muito maior do que simplesmente uma exploração econômica. Para além disso, ela busca perpetuar essa exploração até os dias atuais. Também existe uma inserção da ideia de ser homem europeu/racional dentro do conceito do que é ser humano no mundo inteiro. A partir disso, surge a ideia de que o racional e o moderno são monopólio da Europa. Conseqüentemente, nenhum dos outros povos pode ter desenvolvimento racional, a não ser que estejam “correndo atrás” do desenvolvimento europeu. Então, manifesta-se a oposição entre o que é tradição *versus* o que é moderno, entre o racional *versus* o irracional, tudo isso tendo como parâmetro a Europa. Esse novo padrão de poder passa a ser legitimado por ideias desenvolvidas na Europa Ocidental, com relação à economia e à organização social. Nesse sentido, o liberalismo constitui-se num exemplo:

[...] é uma das claras expressões desse contexto material e subjetivo da sociedade na Europa Ocidental. Já no resto do mundo, na América Latina em particular, as formas mais estendidas de controle do trabalho são não-salariais, ainda que em benefício global do capital, o que implica que as relações de exploração e de dominação têm caráter colonial [...] (QUIJANO, 2005, p. 125).

Esse padrão foi desenvolvido justamente com essa legitimação do mercado, que foi extremamente importante para o desenvolvimento econômico. Isso porque tem-se a ideia de que ser liberal, ser amante do livre mercado e do desenvolvimento econômico com eficiência, como é ditado pela doutrina liberal, deve ser um modelo padrão a ser seguido por todos.

Paradoxalmente, essa ideia de libertação dos povos ficou somente na Europa, e os povos que eram vistos como primitivos não faziam parte dessa “libertação”. O objetivo era libertar aqueles considerados racionais, logo prezados como seres humanos. Por conseguinte, as pessoas que não faziam parte dessa hierarquia estavam na base, e ainda foram mantidas nessas estruturas. Vale destacar que elas só foram desenvolvidas e tiveram transformações posteriormente, mas ainda se mantêm na periferia do mundo até nos dias atuais.

Em consonância com o acatado de **como se estrutura a colonialidade do poder e como esse poder vai permanecer até os dias atuais**, Quijano (2005) faz uma leitura de capital diferente de outros autores. Muitos autores afirmam que o acúmulo de capital começou no final do século XVIII e começo do século XIX, com a maquinofatura e a transformação das relações de produção, que trouxeram uma classe dominante e uma dinâmica econômica totalmente diferente de outros períodos históricos.

Para Quijano (2005), a leitura do que é o capital, como uma forma de mercantilizar a força de trabalho e de tornar essa força de trabalho mercadoria, tem sua origem em meados do século XII a XIII, sobretudo durante o processo do renascimento comercial e urbano, da expansão das cidades, dos aglomerados urbanos no final da idade média, principalmente no final do século XII até o início da modernidade.

No entanto, **para o capital se concretizar como estrutura de poder, ele precisou, segundo o autor, de uma articulação de dominação de outros povos**. Conseqüentemente, a América escravizada como base para exportação da matéria-prima foi uma necessidade do capitalismo, para ele se materializar como estrutura de poder dominante. Nesse sentido, conforme esclarece Ferreira (2014):

[o] colonialismo como fenômeno antecede o capitalismo enquanto sistema mundial e o acompanha como “política” em suas diferentes fases de desenvolvimento. A expansão europeia do século XVI tem o colonialismo como seu componente central e são as relações de produção e acumulação primitiva e demais processos históricos engendrados nesse contexto que tornaram o capitalismo possível como “modo de produção”. Por outro lado, o capitalismo estendeu as relações coloniais sobre o espaço e as formas sociais, atualizando-o como componente estrutural de seu próprio sistema e amplificando de forma nunca antes vista sua dimensão e significado, tornando-o onipresente na história das diferentes sociedades (FERREIRA, 2014, p. 255).

Por tais razões, Quijano (2005) trabalha a ideia de civilização, de maneira a observar a unilateralidade das visões eurocêntricas, que apregoavam que todos aqueles que estariam alheios a essa sociedade civil encontravam-se mais próximos do estado primitivo, do estado de natureza. Então, por isso, eles estavam mais próximos de seres da natureza do que de seres

racionais. É importante frisar aqui que os europeus vão categorizar as pessoas como raças extraíndo, assim, as suas singularidades. Nessa linha de análise:

[n]o curso da expansão mundial da dominação colonial por parte da mesma raça dominante – os brancos (ou do século XVIII em diante, os europeus)– foi imposto o mesmo critério de classificação social a toda a população mundial em escala global. Conseqüentemente, **novas identidades históricas e sociais foram produzidas: amarelos e azeitonados (ou oliváceos) somaram-se a brancos, índios, negros e mestiços**. Essa distribuição racista de novas identidades sociais foi combinada, tal como havia sido tão exitosamente logrado na América, com **uma distribuição racista do trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial**. Isso se expressou, sobretudo, numa quase exclusiva associação da branquitude social com o salário e logicamente com os postos de mando da administração colonial (QUIJANO, 2005, p. 119, grifos nossos).

Como se depreende, inicialmente “não havia” negros, pois tais pessoas só passaram a existir quando foram categorizadas racialmente dessa forma. No entanto, havia, sim, diversos grupos sociais que se categorizavam por outros nomes mais por afinidades e questões culturais, como, por exemplo, na África: achantes, iorubás, zulus, congos, bacongos. Aqui, na América, existia outros tipos de organizações sociais. Sob essa lógica, é possível afirmar que não existia índios, mas astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc., ou seja, havia outros tipos de aglomerações (QUIJANO, 2005).

Esses grupos sociais foram retirados de suas subjetividades culturais, de suas identidades, para se tornar o índio e para se tornar o negro. Categorizados com relação ao trabalho, sua função na estrutura de poder mundial agora está se instalando na estrutura da colonialidade do poder. Nessa esteira:

Esse resultado da história do poder colonial teve **duas implicações decisivas**. A primeira é óbvia: **todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas**. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: **sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade**. Daí em diante não seriam nada mais que raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores. Implicava também sua realocização no novo tempo histórico constituído com a América primeiro e com a Europa depois: desse momento em diante passaram a ser o passado. Em outras palavras, o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento dentro da qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo (QUIJANO, 2005, p. 127, grifos nossos).

Nesse sentido, deve-se dizer que **essas pessoas foram destituídas da legitimidade de produzir história**. Agora, a produção histórica estaria voltada para essa linha do tempo do estado de natureza à sociedade civil racional que os europeus racionais, ao se descobrirem

brancos e racionais, vão impor para o resto do mundo, primeiramente, na América, depois para África e para os demais continentes.

Nesse ínterim, a questão da **hierarquia das cores** de pele tem aparição nos contos analisados. Em “Jumping Monkey Hill”, por exemplo, a Ujunwa é negra e bonita e, por causa dessas características, Edward mostra um interesse lascivo tanto com a protagonista quando para outras participantes do evento com os mesmos atributos. Outro fato é que o pai da protagonista se divorciou e se casou com uma mulher amarela³, sendo que, aqui, também há diferenciação nas cores. O pai de Ujunwa provavelmente é um homem importante no mundo dos negócios e supõe que, ao casar-se com uma mulher mais clara, isso lhe trará mais status.

Em “No seu pescoço”, a personagem principal Akunna começa um namoro nos Estados Unidos com um rapaz branco e as reações das pessoas perante o casal dependem das suas **cores**, refletindo sentimentos de piedade, de desconforto, de recusa e de aceitação forçada.

Em “A embaixada americana”, a personagem jornalista descreve a atendente americana, e nota-se, por meio dessa descrição, que os livros literários e de história europeus descreveram por muito tempo os estereótipos dos povos indígenas e dos africanos. Então, nesse momento, tem-se a descrição física da personagem coadjuvante: branca, lábios rosas pálido e finos, dentes minúsculos, rosto inchado, cheio de sarda e cabelo castanho avermelhado.

Em “Os casamenteiros”, Odofile escolhe sua esposa por ter uma pele mais clara, logo teria filhos com a pele mais claras, sendo que negros de pele clara se dão melhor nos Estados Unidos. Além disso, o casal mora no bairro Flatbush, do Brooklyn, em Nova York, um bairro pobre e de maioria negra. Além da questão de a cor de pele refletir na hierarquia colonialista, ela também está presente na relação de gênero que será abordada no próximo subtítulo.

1.4 Corpo e não corpo

A partir daqui, parte-se para a discussão acerca **do que é corpo e do que não corpo**. Mesmo sendo debatida há muito tempo na Europa, **essa questão vai influenciar diretamente essas relações sociais que estão sendo fundadas aqui**. Nesse sentido, o corpo, sendo um elemento da natureza, está atrelado à ideia de irracionalidade e o não corpo, muitas vezes, categorizado religiosamente como alma e pelos modernos como razão, sendo aquilo que

³ Mulher amarela é a característica descrita no conto, em que a personagem não apresenta nome e é descrita com desprezo: “muito séria, parece mestiça, não é bonita e tem um rosto que parece um mamão papaia maduro demais” (ADICHIE, 2017).

categoriza o ser humano enquanto humano. Isso vai diferenciar as pessoas enquanto hierarquia racial:

Esse novo e radical dualismo não afetou somente as relações raciais de dominação, mas também a mais antiga, **as relações sexuais de dominação**. Daí em diante, o lugar das mulheres, muito em especial o das mulheres das raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza. É provável, ainda que a questão fique por indagar, que a ideia de gênero se tenha elaborado depois do novo e radical dualismo como parte da perspectiva cognitiva eurocentrista (QUIJANO, 2005, p. 129, grifos nossos).

Em outras palavras, a mulher já possuía, na estrutura de poder da Europa, uma categorização em relação ao corpo, como sendo próxima da natureza e menos relacionada à racionalidade, devido à estrutura patriarcal burguesa. Agora, ela vai ter outra categorização. Nessa categorização, a mulher passa a estar dentro da estrutura racializada, situada nas raças consideradas inferiores, justamente porque estavam em processos sociais considerados atrasados em relação à Europa. Naquele momento, eram tratadas com mais desprezo no que diz respeito à sua intelectualidade no âmbito da estrutura de raças inferiores.

Posteriormente, a mudança acerca dessa estrutura racial ocorre historicamente a partir da ideia de quem é racional e quem não é, baseando-se no que é ser humano para os europeus. Também esta hierarquia se encontra firmada na forte questão de gênero. Isso acontece através da perspectiva do branco que vai se descobrir branco a partir do momento que categoriza e denomina a América sob preceitos raciais e de trabalho eurocêntricos. Aqueles que são levados à América também estão nesse palco de transformação das estruturas de poder, que vai levar à construção da colonialidade do poder.

É bem verdade que tem-se aí uma perspectiva de realidade e um modo de produzir conhecimento através da visão não só eurocêntrica, mas também estadunidense. Nossa sociedade tem seus pilares baseados principalmente no capitalismo firmado na ideia de modernidade euro-estadunidense de todas as relações sociais do europeu Ocidental. De acordo com Oyèrónké Oyěwùmí (2004):

[u]ma característica marcante da era moderna é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, história, sociedades e culturas. Como resultado, os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-americanos têm dominado a escrita da história humana. Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus, como conhecedores. Na verdade, o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial do *ethos* europeu

está consagrado na cultura da modernidade. Este contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta em nossa busca para compreender as realidades africanas e de fato a condição humana (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 1)

Nessa esteira, o objetivo principal do artigo de Oyèrónké Oyěwùmí é questionar a utilização de conceitos do pensamento ocidental para se pensar as realidades e práticas sociais africanas. Nessa linha de análise, a pensadora apresenta outro tipo de organização familiar da sua tradicional etnia Yorubá, descrita com uma família sem gênero. Não é generificada, pois os papéis de parentesco, as categorias, o centro de poder dentro da família, o princípio organizador mais importante é a antiguidade, que se baseia na idade relativa e não na ideia de um centro regulador de gênero.

[...] No que diz respeito às categorias de marido e esposa dentro da família, a categoria oko, que normalmente é registrada como o marido em inglês, não é especificada por gênero, pois abrange ambos machos e fêmeas. Iyawo, registrada como esposa, em inglês refere-se a fêmeas que entram na família pelo casamento. A distinção entre oko e iyawo não é de gênero, mas uma distinção entre aqueles que são membros de nascimento da família e os que entram pelo casamento. A distinção expressa uma hierarquia em que a posição oko é superior a iyawo. Esta hierarquia não é uma hierarquia de gênero, porque mesmo oko fêmea são superiores a iyawo fêmea. Na sociedade em geral, mesmo na categoria de iyawo inclui homens e mulheres, em que os devotos dos Orixás (divindades) são chamados iyawo Orisa. Assim, os relacionamentos são fluidos, e papéis sociais, situacionais, continuamente situando indivíduos em papéis modificativos, hierárquicos e não hierárquicos, contextuais que são (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 6).

Em outras palavras, Oyèrónké Oyěwùmí, com sua pesquisa sobre a sociedade Yorubá, demonstra que o gênero não era um princípio organizador antes da colonização ocidental. Ademais, traduzir as categorias de Yorubá que são oko e iyawo como fêmea a mulher e macho o homem é um erro. As categorias nessas sociedades não tinham oposição de forma binária e elas se relacionavam de outras formas hierárquicas. Apesar disso, categoricamente, o capitalismo eurocêntrico global constituído por meio da colonização fez com que muitas sociedades africanas e com suas estruturas de organização fossem descritas através do gênero biológico e binário: masculino/feminino, homem/mulher. Esse mecanismo colonial para dominação dos povos rouba a riqueza e reduz a forma de organização social, com a pretensão de enfraquecer as estruturas do sistema político, do sistema econômico, do sistema de produção alimentar, etc. dos povos colonizados.

Outra estudiosa que não poderia faltar para pensarmos neste trabalho sobre a construção das identidades de gênero nos contos de Chimamanda é a María Lugones (2020). Essa autora também vai além do que se poderia pensar acerca de um feminismo intersexual. Lugones (2020) problematiza o pensamento de sexualidade porque o eixo da colonialidade não é suficiente para

dar conta de todos os aspectos de gênero, considerando-se o modo como tal raciocínio é proposto porque os aspectos se tornam visíveis, dependendo do modo como o gênero vai se conceitualizando.

No modelo padrão que Quijano elabora, o gênero parece estar contido dentro da organização do âmbito básico da vida: sexo, seus recursos e seus produtos. Em outras palavras, Lugones (2020) expõem que “[...] existe uma descrição de gênero que não é questionada, e que é demasiadamente estreita e hiperbiologizada – já que traz como pressupostos o dimorfismo sexual, a heterossexualidade, a distribuição patriarcal do poder e outras ideias desse tipo” (LUGONES, 2020, p. 59). Mas, então, afinal o que é gênero para Lugones? A autora vai dizer que gênero não pode ser reduzido a sexo.

A discordância de Lugones com Quijano aparece no fato de que, segundo ela, Quijano vai compreender sexo como atributo estritamente biológico. Isso porque, a partir da ideologia que é real, por exemplo, Quijano afirma que é possível definir o que são homens e mulheres com base na biologia. Lugones não acredita que isso é possível. Ela vai dizer que a própria biologia é uma interpretação. Nesse sentido, para a biologia, o que define o que são homens e mulheres, são os cromossomos. Lugones argumenta que cromossomos são uma realidade “cirurgicamente construída”.

Outro ponto relevante sobre a construção da mulher é que foram designados atributos diferentes para as mulheres brancas europeias e para as não brancas e colonizadas:

Historicamente, a caracterização das mulheres europeias brancas como sexualmente passivas e física e intelectualmente frágeis as colocou em oposição às mulheres colonizadas, não brancas, inclusive as mulheres escravizadas, que, ao contrário, foram caracterizadas ao longo de uma vasta gama de perversão e agressão sexuais e, também, consideradas suficientemente fortes para aguentar qualquer tipo de trabalho [...] (LUGONES, 2020, p. 74).

Pode-se observar como aparece a questão do corpo nos contos e como essas mulheres são vistas. Em “Jumping monkey hill”, Ujunwa, enquanto está em busca de conseguir emprego em uma entrevista, tem seus seios apertados por um entrevistador. Além disso, para manter o cargo em um banco, deveria ter relações sexuais com um hadji para conseguir o emprego. No workshop, recebeu olhares e comentários lascivos do organizador do evento Edward.

Em “No seu pescoço”, Akunna sofreu uma tentativa de abuso sexual do seu familiar, com o argumento de que as mulheres bem-sucedidas fazem relações sexuais para conseguir os melhores salários. Em “A embaixada americana”, a personagem jornalista sofre abuso dos agentes do governo que estavam procurando seu marido. Um sujeito obrigou-a sentar no seu

colo, depois deu-lhe um tapa nas nádegas e foi chamada de mulher gostosa e ainda teve que ouvir que havia casado com um homem encrenqueiro. Em “Os casamenteiros”, Chinaza é obrigada a se casar com um marido escolhido por seus tios, sendo que, no casamento, o sexo é visto como uma obrigação, e não por consentimentos das duas pessoas. Além disso, apregoa-se culturalmente que a mulher deve cozinhar, organizar o lar e manter uma preocupação constante em agradar o marido.

Em linhas gerais, os corpos das mulheres negras representadas nos quatro contos de Adichie estão perpassados pelos espaços simbólicos da sociedade misógina. Nesse sentido, o corpo da mulher está atrelado à satisfação dos fetiches sexuais masculinos, e pode ser utilizado como moeda de troca, além de servir para prestar serviços de forma contínua no âmbito residencial ou em trabalhos correlacionados ao lar, sendo que, também, o corpo também serve para gerar filhos. No campo do não corpo, por serem mulheres, muitas vezes são levadas a fazerem escolhas divergentes das suas para satisfazer a vontade de seus familiares. Isso porque suas vidas devem ter uma relação estreita com a família e a criação dos filhos requer grande parte de sua responsabilidade. No que diz respeito à área profissional, esta é reduzida, principalmente no âmbito dos cargos mais bem-sucedidos, relegados, principalmente, aos homens.

Dos contos que foram analisados, três possuem uma relação mais estreita com os Estados Unidos e outro com a Inglaterra. Observou-se, na análise efetuada, como a cultura euro-estadunidenses, a racialização e o sexismo se apresentam nas narrativas através dos olhos das personagens Ujunwa, Akunna, jornalista (personagem sem nome) e Chinaza. Antes disso, porém, acredita-se que seja interessante compreender em que contexto Chimamanda Adichie conta as histórias que narra, e com qual motivação. Para isso, retoma-se, a seguir, sua famosa palestra intitulada “O perigo de uma história única”.

1.5 O perigo de uma história única

O perigo de uma história única é uma adaptação da primeira palestra proferida por Adichie, no TED Talk, em 2009. O vídeo é um dos mais acessados da plataforma, com mais de 20 milhões de visualizações. A adaptação para o português/brasileiro foi editada pela Companhia das Letras e traduzida por Julia Romeu, em 2019. Apesar de não ser um conto e tampouco fazer parte do objeto de análise do presente trabalho, introduz-se, aqui, a análise com uma discussão acerca da palestra, pois ela representa um momento significativo, no que se

refere à ascensão de Adichie ao universo popular, talvez principalmente entre os jovens. Além disso, sua reflexão teórica sobre a alteridade nigeriana, feita de forma clara e didática na palestra, tem muita relação com as temáticas dos contos que serão discutidos a seguir.

Inicialmente, Adichie (2019) relata que é uma contadora de histórias e que, por isso, vai contar algumas histórias pessoais sobre o que ela chama de “o perigo de uma única história”. A primeira narrativa descreve sua infância e sua relação com os livros. Ela cresceu num campus universitário no leste da Nigéria. Sua mãe diz que ela começou a ler com dois anos, mas ela mesmo acredita que quatro estaria mais próximo da verdade. Seus livros infantis, basicamente, consistiam em literatura britânica e americana.

Ela também começou a escrever na mais tenra idade, a partir dos sete anos. O interessante é que sua produção artística era exatamente a representação do que ela lia: todos os seus personagens eram brancos, de olhos azuis e cabelo liso, comiam maçãs, bebiam cerveja de gengibre, brincavam na neve e ficavam felizes quando surgia o sol (ADICHIE, 2019).

As narrativas eram bem diferentes da realidade da escritora. Na Nigéria, não neva e não há novidade nenhuma quando o sol aparece. As pessoas se alimentam geralmente de arroz, manga e bebem vinho de palma. No entanto, quando ela entra em contato com livros africanos, que não eram fáceis de serem encontrados, a percepção da escritora muda. Os principais escritores responsáveis por essa mudança são Chinua Achebe e Camara Laye. Com ajuda deles, ela percebe que pessoas como ela, de pele cor de chocolate e cabelo crespo, que não forma um rabo de cavalo, poderiam existir na literatura (ADICHIE, 2019).

Adichie comenta que os livros britânicos e americanos ampliaram muito sua imaginação, mas depender somente dessas leituras a limitava, pois ela não conseguia se identificar com as histórias. Os livros africanos, por sua vez, possibilitaram a descoberta de que pessoas como ela também poderiam ser não somente escritores, mas personagens dos livros de literatura.

A presença massiva de livros estrangeiros na infância de Adichie, em detrimento dos africanos, remete aos resquícios do período colonial. Tal diferença está ligada principalmente à questão da “superioridade da civilização ocidental”. Pode-se afirmar, portanto, que o apagamento da cultura e da história nigeriana ocorre ao mesmo tempo em que a centralidade europeia também vai sendo espalhada dentro do país africano. Em pouco tempo, crianças como Adichie assimilam a cultura do outro, dito superior, e anulam suas próprias narrativas, ditas inferiores. Esse caso específico exemplifica bem de que maneira a Europa e os europeus foram construindo a história dos outros continentes (destituindo e recriando da forma que melhor lhe aprouvesse).

Por outro lado, a história é sempre um processo de reescrita e, assim como Adichie percebeu que se trata de um trabalho de reinterpretar um mesmo acontecimento histórico, adveio daí um outro olhar, tecido pelo viés de outro tipo de narrador. Então, é preciso entender o contexto para compreender as narrativas. Dependendo do lugar de onde fala o historiador, a história também será outra, porque ele tem determinados compromissos de vida e, portanto, culturais, sociais e políticos, assim como também ocorre com a obra literária e seu escritor.

Nessa linha de análise, Adichie continua sua fala explicando que se muda para os Estados Unidos para fazer faculdade. Sua colega de quarto, segundo ela, ficou impressionada em viver com uma nigeriana. Ela perguntou aonde Adichie tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando soube que o inglês é uma língua oficial da Nigéria. Além disso, ela pede para ouvir a “música tribal” de Adichie, mas ficou decepcionada quando a escritora mostrou sua fita de Mariah Carey. Adichie saber usar o fogão também foi uma surpresa para ela. Nesse cenário, pode-se observar que os resquícios do aspecto colonial, que repercute na vida da escritora, o que faz com que os estrangeiros pressuponham que a África ainda é um lugar totalmente primitivo e selvagem (ADICHIE, 2019).

Outro detalhe relevante desse momento da palestra novamente diz respeito ao perigo de uma história única. Se a supremacia de narrativas eurocêntricas fez com que a autora nigeriana “se esqueça” de sua própria nação, quando era pequena, ela também impede o europeu de sequer voltar os olhos para outras experiências. Nesse sentido, a obra de Chimamanda aponta nessa direção: contar outras histórias, dizendo não à simplificação, não ao estereótipo.

Nessa esteira argumentativa, pode-se destacar que a colonização existiu com base num critério natural: a ideia de raça. Nesse sentido, o império britânico foi construído pelo racismo (termo inventado no século XIX), através da convicção da superioridade branca sobre os outros povos: indígenas, negros e asiáticos. Evidentemente, há, portanto, outro lado da história, que não é contado pelo colonizador.

O lado da história contado pelo colonizar é que foi um processo benéfico para os colonizados, salvando-os e civilizando-os. No entanto, a realidade foi bem diferente, já que, apesar de os colonizadores não almejavam exterminar os colonizados em campos de concentração, estes escravizaram os africanos, para que tivessem uma produtividade econômica na América, matando-os indiretamente.

Em outras palavras, a empreitada colonial permitiu escravizar esses povos para acumular capital, como já foi comentado, partindo do princípio racial. Isto é, a colonização não partiu exatamente do princípio da superioridade *versus* inferioridade (ainda que esse sentimento permeie o discurso que a justifica) e, por isso, a escravização é “privilegiada”, ao contrário do

extermínio, para fazer a máquina econômica funcionar efetivamente. Considerado inferior, selvagem, primitivo, sem cultura, o colonizado deve se adaptar às necessidades do colonizador. Nesse sentido, é sempre bom lembrar que existem várias maneiras de inferiorização e de apagamento e que, seja no centro ou na periferia, há um grande número de micro-hierarquizações possíveis.

Sobre isso, Adichie (2019) relata que veio de uma família da classe média: seu pai era professor universitário e sua mãe administradora. Portanto, eles tinham empregados domésticos que moravam na sua casa e que vinham de vilarejos rurais. Quando ela tinha oito anos, um menino novo, chamado Fide, foi trabalhar em sua casa. O relato que sua mãe passou sobre ele foi de que era de uma família muito pobre. Adichie não conseguia imaginar outra coisa acerca dele e de sua família além das suas condições econômicas. No entanto, sua visão mudou quando um dia foram visitar o vilarejo onde a família morava e ela viu um cesto de palha pintado com alguns desenhos lindos que o irmão do Fide tinha feito. Ela percebeu que a única história que ela conhecia sobre Fide era acerca de sua pobreza e, portanto, para ela, era estranho imaginar que pessoas como ele poderiam ser criativas e organizadas.

Atualmente, se o eixo regulador do pensamento for a cultura ocidental, é inegável que essa “simplificação” e “homogeneização” de vários povos resultará na coisificação dos sujeitos. Um exemplo disso é o conhecimento raso dos povos do ocidente acerca dos povos árabes, com uma cobertura que se limita principalmente a destacar os seus conflitos. Cumpre observar, todavia, que foi o próprio antissemitismo que desembocou no surgimento do Estado de Israel.

Edward W. Said (2012), no seu livro *A questão da Palestina*, discute como a fundação do Estado de Israel ocorreu dentro do colonialismo europeu do século XIX. Tal instância correspondeu à expropriação dos árabes que viviam por essa região na Palestina. Por tais razões, as narrativas sobre esses eventos promoveram uma desespecificação do povo palestino. Ademais, sobre Israel criou-se uma especificidade, uma particularização, combinando elementos históricos e religiosos. Argumenta-se, nesse sentido, que os judeus estavam lá desde a antiguidade nessa região e, por outro lado, tem-se a crença de haver um povo escolhido e, portanto, diferenciado.

Said (2012) não está dizendo que é preciso acabar com o Estado de Israel. Ele argumenta que os judeus têm direito de ter seu próprio Estado. No entanto, a existência do Estado de Israel não pode implicar na desespecificação e no extermínio da população palestina. O teórico também aponta como se constitui esse discurso e como a narrativa do Estado de Israel no mundo implicou o apagamento da história da Palestina e dos próprios direitos palestinos. Além disso, Said (2012) discute que a narrativa naturalizou a violência contra o árabe, representando tal

povo como atrasado, violento e incapaz de civilização, fruto da reprodução dessa visão ocidental reducionista sobre o outro.

Pensando no Brasil, há os negros e os indígenas que são categorizados culturalmente como exemplos de atraso, de preguiça e de malandragem, enquanto o europeu é tido como belo, sábio e correto moralmente. Isso acontece também porque a construção da nossa história oficial apagou a história dos grupos indígenas e dos africanos, que foram dominados pelos portugueses e outros invasores. Assim, o povo brasileiro acostumou-se a adotar uma lógica europeia para contar a história do país.

Adichie (2019) também tinha essa percepção acerca de outro povo: os mexicanos. Ela estava nos Estados Unidos numa época de clima tenso a respeito da imigração. Debatia-se muito essa ideia dos mexicanos que entram diariamente ilegalmente no país, tornando a imigração sinônimo de busca incessante dos mexicanos. Havia histórias infundáveis sobre essas pessoas. Até que ela foi pela primeira vez para Guadalajara e viu as pessoas indo para o trabalho, no mercado, fumando, rindo. Primeiro, a autora se surpreendeu e depois ficou com vergonha. Ela percebeu que a mídia a fez acreditar que o mexicano era um inimigo abjeto.

É assim que se cria uma única história. Mostrando-se o povo como uma coisa, nasce uma narrativa que passa a ser contada incansavelmente, na mídia, nos livros e nos filmes que assistimos, sempre com os mesmos vilões e os mesmos mocinhos. Nesse sentido, Adichie (2019) expõe, portanto, que é muito perigoso ler somente um lado da história. Ilustrando a assertiva, a história da África e do Brasil foram contadas pelos colonizadores. De acordo com Achille Mbembe (2020) o passado não pertence só ao passado.

Esse é um dos motivos pelos quais a maioria das sociedades humanas carregam um tal cuidado com a sua história e se preocupam em lembrar, em comemorações e, ainda mais, na organização de instituições encarregadas de ativar a criatividade cultural e de gerir o patrimônio nacional (museus, arquivos, bibliotecas, academias). De resto, só existe comunidade propriamente humana onde a relação com o passado foi objeto de um trabalho consciente e reflexivo de simbolização. Em vez de esquecer o passado, é o trabalho (crítico) de simbolização do passado (e, portanto, de si mesmos) que os africanos são convidados a realizar. (MBEMBE, 2020, p.4).

Para finalizar, Adichie (2019) argumenta que a consequência da história única é que ela acaba por roubar a dignidade das pessoas, tornando difícil o reconhecimento da nossa humanidade. Nesse sentido, muitas histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem empoderar e humanizar. As histórias conseguem despedaçar a dignidade de um povo, de uma nação, de um país, de um continente, mas também conseguem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019). Em sua escrita, portanto, é isso que a autora se propõe a fazer.

Capítulo 2

2.1 Introdução: Literatura e História: a arte construída da vida

Partindo dessa proposta, como as obras de Adichie podem ser usadas com fontes históricas? A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (1946-2000) dedicou-se a pensar esse uso da literatura enquanto fonte histórica. Pesavento, assim como Linda Hutcheon e Magdalena Perkowska, trabalha com as **fronteiras entre verdade e ficção**, perspectiva na qual iremos trabalhar mais adiante. Além disso, Pesavento resume o que o historiador pode ou não esperar como resultado da leitura de obras de ficção:

[...] em primeiro lugar, a Literatura é fonte para a História dependendo dos problemas ou questões formuladas. Se o historiador estiver preocupado com datas, fatos, nomes de um acontecido, ou se buscar a confirmação dos acontecimentos do passado, a literatura não será a melhor fonte a ser usada... Mas, se o historiador estiver interessado em **resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se torna uma fonte muito especial para o seu trabalho** (2003, p. 39, grifos nossos).

Nesse sentido, busca-se retratar as sensibilidades, os valores, as razões e os sentimentos e as representações imbuídos nos quatro contos de Adichie. Desse modo, Pesavento (2003) tece uma observação metodológica e de fundamental importância: **“A Literatura, [...], é sempre fonte de si mesma, ou seja, diz sobre o presente da sua escrita e não sobre a temporalidade do narrado”** (PESAVENTO, 2003, p. 39, grifos nossos). Em outras palavras, uma obra literária cuja narrativa se passa em um período histórico distinto diz mais sobre o momento histórico no qual a obra foi escrita, do que sobre o momento no qual se passa a narrativa. A respeito dos períodos narrativos, um dos contos em análise trata de um período histórico que é “A embaixada americana”, abordando a ditadura do General Abacha. Em contrapartida, os outros três “Jumping Monkey Hill”, “No seu pescoço” e “Os casamenteiros” remetem ao período contemporâneo e seus impasses.

Nessa linha de análise, **a leitura da obra de Adichie permite compreender a respeito de seu projeto literário comprometido com a História e com as mulheres**. Esses dois pontos são centrais para compreender sua escrita e foram bem expostos em duas palestras proferidas no TED Talk que, depois, se tornaram livros: *O perigo de uma história única* e *Sejamos todos*

Feministas. Abordar-se-á, portanto, a questão de gênero no próximo subtítulo em que serão mobilizadas discussões a respeito da história e da literatura.

2.2 Literatura e História: a arte construído da vida

De acordo com **Linda Hutcheon**, a literatura e a história eram consideradas como ramos da mesma árvore que buscava explicar e elevar o saber humano. No século XIX, houve a separação que resultou nas atuais disciplinas distintas. **Suas forças estão concentradas partir da verossimilhança, mais do que a verdade objetiva. As duas são identificadas como construtos linguísticos, através de convenções narrativas, e não são transparentes tanto na linguagem quanto na estrutura e no que diz respeito a elementos intertextuais.** Além disso, a história e a ficção são termos históricos e suas definições/relações são determinadas historicamente e variam ao longo do tempo (HUTCHEON, 1991).

“A metaficção historiográfica sugere que verdade e falsidade podem não ser mesmo os termos corretos para discutir a ficção [...]. Romances pós-modernos [...] afirmam abertamente que só existem verdades no plural, e jamais uma só Verdade [...]” (HUTCHEON, 1991, p. 146, grifos nossos). Nessa linha de análise, Chimamanda Ngozi Adichie é uma autora conceituada, como foi abordado na palestra do TED Talk *O perigo e uma história única*, na qual ela revela como a história da África vem, por muito tempo, sendo contada apenas por um viés e quão prejudicial é para os ocidentais, que veem apenas uma perspectiva e para os africanos, que são narrados como seres inferiores.

Não se pode perder de vista que Literatura e História, de acordo com Hutcheon (1991), são gêneros permeáveis e que as omissões podem ser cometidas por ambas, por exemplo: “os contadores de histórias podem certamente silenciar, excluir e eliminar certos acontecimentos – e pessoas – do passado, mas também sugere que os historiadores fizeram o mesmo: nas tradicionais histórias do século XVIII, onde estão as mulheres? [...]” (HUTCHEON, 1991, p. 143).

Também é necessário levar em conta a subalterna posição da mulher como escritora e como as personagens mulheres eram representadas por escritores homens. Adichie, na maioria de suas obras, tem como protagonista uma mulher negra e nigeriana e da etnia igbo. No conto “No seu pescoço”, por exemplo, a personagem Akunna deixa claro sua origem:

[...] de que país africano viera, você disse Nigéria e esperou que ele dissesse que tinha doado dinheiro para a luta contra a aids no Botsuana. Mas ele perguntou se você era

iorubá ou igbo, pois não tinha cara de fulani. Você ficou surpresa – achou que ele deveria ser professor de antropologia na universidade estadual, um pouco jovem para isso com seus vinte e muitos anos talvez, mas quem sabe? Igbo, respondeu. [...] (ADICHIE, 2017, p. 130).

A proposta das protagonistas de Adichie vai ao encontro com a metaficção historiográfica defendida por Hutcheon (1991) “o protagonista deveria ser um tipo, uma síntese do geral e do particular [...] os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional [...]” (HUTCHEON, 1991, p.151). De igual forma, tais elementos estão entrelaçadas na pluralidade e na valorização da diferença, desmantelando a noção de universalidade cultural.

Dando continuidade à tênue linha que separa a literatura da história, de acordo com Hutcheon, “tanto os historiadores quanto os romancistas constituem seus sujeitos como possíveis objetos de representação narrativa [...] e o fazem por meio das próprias estruturas e da própria linguagem que utilizam para apresentar esses sujeitos [...]” (HUTCHEON, 1991, p. 148). Além de delimitarem seus objetos, outro ponto levantado por Hutcheon (1991) condiz “com o problema do status de seus ‘fatos’ e da natureza de suas evidências, seus documentos” (1991, p.161).

Ademais, a autora levanta questões pertinentes ao trabalho do historiador no processo de desenvolvimento das fontes documentais: “será que podem ser narradas com objetividade e neutralidade? Ou será que a interpretação começa inevitavelmente ao mesmo tempo que a narrativização?” (1991, p. 161). Ela percebe, então, que nossa capacidade de conhecer esse passado é limitada, “pois somos ao mesmo tempo espectadores e atores no processo histórico” (1991, p. 161). Além disso, de acordo Hutcheon, tanto a historiografia quanto a ficção “constituem seus objetos de atenção; em outras palavras, elas decidem quais os acontecimentos que se transformarão em fatos” (HUTCHEON, 1991, p. 161). Ela também aponta “para nossas inevitáveis dificuldades em relação à natureza concreta dos acontecimentos (no arquivo só conseguimos encontrar seus vestígios textuais para transformar em fatos) e sua acessibilidade” (1991, p. 161). Em outras palavras, segundo essa perspectiva, o historiador deve levar em conta as parciais dos vestígios e suas limitações.

Não se pode perder de vista, portanto, que o historiador é quem designa as fontes históricas, pois “as representações do passado são selecionadas para significar tudo o que o historiador pretende” (1991, p. 162). Assim, os documentos são selecionados como o papel de responder determinado problema ou ponto de vista. Como pode ser notado, a imparcialidade e a subjetividade estão inseridas no processo da escrita da História.

Pensando de acordo com a metaficção historiográfica proposta por Hutcheon, pode-se afirmar que o conto “Jumping Monkey Hill” consiste, por si só, numa metalinguística. A

principal personagem é Ujunwa Ogundu, uma jovem escritora nigeriana que foi convidada para participar de um Workshop de Autores Africanos. No enredo, o objetivo da oficina é escrever “legítimos” contos africanos, que serão publicados no Oratory. Foram selecionadas mais sete pessoas de outros países africanos (a maioria de língua inglesa), com distintas personalidades, para passar duas semanas em um resort na Cidade do Cabo - África do Sul. Na ocasião, o local escolhido para esse evento é Jumping Monkey Hill e, assim como o nome pitoresco parece supor, o lugar é frequentado predominantemente por turistas brancos.

Como pode ser observado, o título da narrativa é o nome do local do evento “Jumping Monkey Hill”. De acordo com o narrador do conto, que retrata a visão da personagem Ujunwa, “o nome (do lugar) em si já era absurdo” (ADICHIE, 2017, p. 107). Então, por mais que o resort levasse esse nome, não havia nenhum macaco à espreita nas copas das árvores. Proveitoso é, ainda, recomendar o olhar para a pousada:

Todos os bangalôs tinham telhados de palha. Havia nomes como Baboon Lodge e Porcupine Place pintados à mão ao lado de portas de madeira que levavam a caminhos de pedra, e as janelas eram deixadas abertas para que os hóspedes acordassem com o farfalhar das folhas de jacarandá e o som ritmado e tranquilizador das ondas do mar se quebrando (ADICHIE, 2017, p. 105).

Em consonância com o acatado, os atributos que estão colocados no enredo são de um lugar perfeito para tirar férias, mas não é para qualquer pessoa. O narrador expressa qual grupo social frequentaria esse lugar:

[...]o resort tinha a complacência dos bem alimentados, era o tipo de lugar onde, imaginava ela, turistas estrangeiros ricos corriam de um lado para o outro tirando fotos de lagartos, para depois voltar para casa ainda sem ter muita consciência de que, na África do Sul, havia mais negros do que lagartos de cabeça vermelha. [...] (ADICHIE, 2017, p. 105).

Como se observa, o lugar escolhido para os escritores africanos representa o senso comum sobre a África, com paisagens maravilhosas e animais selvagens/exóticos (o macaco, o babuíno, o porco-espinho e o lagarto de cabeça vermelha). Esse é um ponto relevante porque o olhar estrangeiro ocidental criou imagens populares sobre a África, que continua sendo vista como “[...] um lugar com paisagem maravilhosas, animais lindos e pessoas incompreensíveis travando guerras sem sentido, morrendo de pobreza [...] esperando para serem salvas por um estrangeiro branco e bondoso” (ADICHIE, 2019, p. 18-19).

Para que se possa entender a escolha do lugar, é preciso ter em vista quem escolheu. Nesse sentido, o evento foi organizado por um inglês, Edward Campbel⁴. Campbel estudou em Oxford e é professor aposentado da Universidade do Cabo, com vasta experiência na área de Literatura Africana. É apresentado, assim, um estrangeiro/colonizador, com seu olhar sobre a África, ainda que mais adiante poderá ser notado como os contos devem retratar a “verdadeira” história da África, de acordo com esse personagem. Registra-se, ainda, que é um personagem intrigante, que provoca os conflitos no enredo e que, de certa forma, representa a Inglaterra e a cultura Ocidental.

Como já foi mencionado, a principal personagem do conto é Ujunwa Ogundu, mulher negra, escritora nigeriana, da cidade de Lagos. A narrativa está em terceira pessoa, retratando principalmente a visão da protagonista e seu conto do Workshop. Pode-se observar, também, que a autora Adichie e a protagonista estão entrelaçadas, por constituírem narrativas que visam retratar suas experiências de vida.

Nessa esteira de pensamento, Ujunwa, Edward e sua esposa Isabel são os únicos personagens que recebem nome, sendo que os outros são referidos apenas por suas nacionalidades. Com os demais personagens, ocorreu uma antonomásia, generalizando-se suas origens e, por outro lado, nota-se que o enredo valoriza os três personagens que receberam nomes, o restante dos personagens são apresentados pelo idealizador do evento dessa forma:

[...] A sul-africana branca era de Durban, mas o sul-africano negro vinha de Johannesburgo. O tanzaniano era de Arusha, o ugandês de Entebbe, a zimbabuense de Bulawayo, o queniano de Nairóbi e a senegalesa que, aos vinte e três anos, era a mais jovem ali, viera de Paris, onde fazia faculdade (ADICHIE, 2017, p. 107).

A maioria dos países citados possui a língua inglesa como oficial, exceto Senegal. Além disso, pode-se notar que as cidades citadas são populosas. Inadequado seria esquecer, também, o fato de a escolha do país para sediar o Workshop ser a África do Sul. Aparentemente, o nome do país remete à totalidade do continente. No entanto, a denominação do país sugere a parte Sul do continente. Observando a localização, observa-se que a maior parte do continente pertence à região subsaariana, sendo que apenas Senegal localiza-se na África setentrional. Ademais, a identidade do negro africano foi imputada pelo sistema colonialista – os africanos não se veem como negros, mas com suas nacionalidades e etnias. A identidade negra africana é fruto da diáspora.

⁴ Um fato bem irônico e proposital, pois, de acordo com Nadine Gordimer (2013), o primeiro congresso de escritores e artistas africanos ocorreu em 1956 e foi realizado na Sorbonne, em Paris, e não na África.

Por outro enfoque, também se remete à diversidade de línguas e culturas. A nação possui onze línguas oficiais e nenhuma das línguas coloniais (holandês/inglês) estão entre as mais faladas (PUPO, 2017). De igual forma, a heterogeneidade também está presente nos participantes seja a partir da sua pátria ou da sua personalidade:

A senegalesa [...] com um brilho irreverente nos olhos, seu sotaque francófono e fios prateados nos dreadlocks grossos. A zimbabuense tinha dreadlocks mais longos e finos, cujos búzios faziam clique-clique quando movia a cabeça de um lado para o outro. Parecia elétrica, hiperativa, [...]. O queniano e o tanzaniano pareciam normais, quase indistinguíveis – homens altos de testas largas com barbas desgrenhadas e camisas estampadas de manga curta. [...] os sul-africanos: a mulher branca possuía um rosto ansioso demais, sem humor e sem maquiagem, e o homem negro parecia paciente e piedoso [...] (ADICHIE, 2017, p. 108).

Ujunwa é jovem, negra, nigeriana e “com uma estrutura óssea elegante” (ADICHIE, 2017, p. 109). De acordo com Hall (2006), a identidade pós-moderna não é fixa, essencial ou permanente, sendo definida através da história. Em se tratando do continente africano com os seus países, há uma abrangência ética, cultural e religiosa, assim como ocorre com as personagens do conto.

Assinala-se, ainda, que **a narrativa está perpassada pela metaficção**, pelo processo da escrita literária e, nesse caso mais especificamente, sobre histórias africanas. Nesse sentido, os participantes do Workshop teriam duas semanas para escrever um conto, sendo que na primeira semana eles escreveriam e, na segunda, revisariam o trabalho de cada participante, em um contexto no qual o ugandês seria o líder.

Vale ratificar que o conto apresenta uma função metalinguística sobre o ato da escrita literária e o único conto que aparece transcrito é o da personagem Ujunwa. A protagonista inicialmente pensa no nome da sua personagem, se teriam um nome comum como Chioma, ou exótico como Ibari. A dúvida ocorreu só a respeito do nome porque a história que ela vai relatar é sobre sua vida. Vale frisar que os nomes remetem à cultura igbo da autora, por meio do uso de nomes que não permitem tradução para outras línguas. Nesse contexto, não há uma preocupação da escritora Adichie acerca do fato de que suas personagens recebam nomes que remetam à língua inglesa.

Como se depreende da leitura da narrativa, Chioma/Ujunwa, desde a infância, era apaixonada por literatura, visto que seu pai comprava livros para ela, mas na formação da sua carreira profissional não foi estimulada e chegou a formar-se em Economia pela Universidade de Nsukka. Há, aqui, o desprestígio em relação ao campo de estudo da área de Artes e Humanidades em relação à Economia, uma área mais pragmática e capitalista. Afinal, o poder

econômico sempre esteve nas mãos dos homens e, por mais que se tenha um diploma com excelentes notas, isso não impediu que tivessem dificuldade em adquirir um emprego. Some-se a isso o fato de ser mulher, o que agrega ainda mais empecilhos a essa dificuldade. Acerca da primeira entrevista de emprego, é narrado o seguinte: “Após as primeiras perguntas, o homem diz que vai contratá-la, e então atravessa a sala, se posta atrás de Chioma e passa os braços sobre os ombros dela para apertar seus seios. ‘Seu idiota! Dê-se ao respeito!’, diz ela” (ADICHIE, 2017, p. 110). Posteriormente, ela passa por mais um período de espera, envia mais envelopes.

A segunda entrevista foi com uma mulher com sotaque falso que deseja contratar alguém que estudou no exterior. Chioma sai do estabelecimento com uma tremenda vontade de rir. Então, decide pedir ajuda para seu pai. Ela não tem uma relação muito boa com seu genitor, devido ao divórcio dele com sua mãe. No enredo, Chioma recebe o telefonema de um banco que seu pai contatou. Seria contratada para trabalhar com marketing, ou seja, deveria sair para obter novas contas, o que garantiria o emprego se conseguisse obter uma conta no valor de dez milhões de naira, no período da avaliação. Chioma não compreende de imediato quando o vice gerente diz para sair obter novas contas, até começar a trabalhar duas semanas depois com sua colega Yinka. Chioma e Yinka que foi quando ambas são levadas num jipe oficial com ar-condicionado. O primeiro cliente é um hadji em Ikoyi. Na ocasião, Chioma logo percebe o que tem que fazer para ficar no emprego:

Ele olha para Chioma. “Essa aqui é uma beleza”, diz. Um mordomo serve taças geladas com coquetel capman. O hadji fala com Yinka, mas olha com frequência para Chioma. Então, ele pede que Yinka se aproxime e explique como funciona a poupança de juros altos, e depois pede que ela sente no seu colo, perguntando se não acha que ele é forte o suficiente para aguentar seu peso. Yinka diz é claro que é, e senta em seu colo, com um sorriso sereno (ADICHIE, 2017, p. 114).

O assédio sexual também ocorre com Ujunwa em *Jumping Monkey Hill*, com Edward, principalmente por causa de seu olhar que, ao invés de direcioná-lo para seu rosto, sempre estava mais abaixo, esquadrihando todo seu corpo. Numa passagem que deixou tal instância bem evidente e constrangeu a protagonista pode ser lido o seguinte: “Eu não me importo de sentar ao sol”, disse ela, já se levantando. “Quer que eu levante para você, Edward?” “Gostaria muito que você se deitasse pra mim” (ADICHIE, 2017, p. 116). Edward sorria, o ugandês, o tanzaniano e Ujunwa riram. Só depois ela pensou na situação que, para ela, não tinha graça.

Edward é também inoportuno: chega a argumentar que as mulheres da Nigéria nunca são vítimas dessa maneira tão grosseira e que a primeira-ministra mais importante do gabinete

é mulher. Nesse momento, a protagonista não fica em silêncio, ri bastante deixando os outros participantes atônitos e rebate com energia a fala de Eduard: “A única coisa que eu não acrescentei à história foi que, depois que eu deixei minha colega e saí da casa de hadji, entrei no jipe e insisti para que o motorista me levasse para casa, porque eu sabia que aquela era a última vez que eu ia andar nele” (ADICHIE, 2017, p. 124). Ilustrando a assertiva, Adichie revela problemas sociais que ainda são enfrentados pelas mulheres em sociedade misóginas, como a dificuldade de conseguir emprego, o assédio moral e sexual no trabalho. Por outro enfoque, ao assumir diante de todos que seu conto era baseado em um episódio real de sua vida, a personagem desqualifica completamente o “crítico” colonialista, mostrando que é capaz de falar por si mesma, que tem conhecimento da desigualdade de gênero e que não pode se calar.

Cumprir observar, nesse momento, o primeiro conto que foi lido no Workshop, o da personagem zimbabuense. O conto narra a história de um professor do ensino médio que frequenta uma igreja pentecostal, e ouve de seu pastor que as bruxas amarraram o útero de sua mulher. Então, para eles terem filhos, deveriam obrigá-las a confessar o que fizeram. O casal acredita que as bruxas são suas vizinhas e, por isso, toda manhã rezam bem alto. Edward não fica nem um pouco satisfeito, pois ele gostaria de ler um conto sobre o “horível governo de Mugabe” no Zimbábue e, de preferência, que fosse datado. Todos ficaram em silêncio. Nem comentaram o ocorrido no dia seguinte. O conto proposto pela zimbabuense revela assuntos sobre o sincretismo religioso, enquanto o organizador do evento quer um assunto político e de preferência que seja um conteúdo negativo. Ou seja, o “colonizador” segue querendo impor suas histórias a respeito de África e dos/das africanos/as. Consequentemente, não há verdadeiramente um espaço para que os sujeitos africanos narrem suas próprias histórias.

O segundo conto foi da senegalesa, narrando sua experiência de vida, quando perdeu sua namorada. Ao final da leitura do conto, todos os participantes olharam para Edward, “mastigando o cachimbo, pensativo, antes de dizer que histórias homossexuais daquele tipo não refletiam a África de fato” (ADICHIE, 2017, p. 117). Argumenta-se, ainda, que ele estava interessado na verdadeira África e não na imposição de ideias ocidentais sobre os lugares africanos. No entanto, a senegalesa não fica em silêncio, e faz com que a conversa flua rapidamente em francês, além de concluir afirmando, de forma expressiva, que é senegalesa. Trata-se, portanto, de mais uma “mulher” que diz ao homem ocidental que ele, na verdade, não sabe nada da África. Edward responde em um francês tão rápido quanto o dela e, depois, em inglês, acusando a senegalesa de estar alterada por causa do vinho Bordeaux incorrendo, desse modo em um assédio típico: desqualificar a opinião da mulher, dizendo que ela não está lúcida.

O terceiro conto lido foi do tanzaniano, escreveu um “conto sobre os assassinatos no Congo, contando do ponto de vista de um miliciano, um homem imbuído de uma violência lascívia.” (ADICHIE, 2017, p. 119). Esse conto, Edward não criticou e disse que seria o conto principal do *Oratory*. Diante disso, conclui-se que a história da África verdadeira para o inglês é somente a história da violência. Essa ideia está de acordo com a estigmatização apontada por Stuart Hall (2003) sobre como a identidade do negro é perpetuada:

[...] A “negritude” tem funcionado como signo da maior proximidade dos afrodescendentes com a natureza e, conseqüentemente, da probabilidade de que sejam preguiçosos e indolentes, de que lhes faltem capacidades intelectuais de ordem mais elevada, sejam impulsionados pela emoção e o sentimento em vez da razão, hipersexualizados, tenham baixo autocontrole, tendam à violência etc. [...] (HALL, 2003, p. 70).

Pelas breves construções dos contos, observa-se qual é a “verdadeira” história da África na visão do colonizador: uma história de miséria, catástrofe e violência. Adichie (2019) expõe esse assunto, como já foi abordado, no TED Talk: *O perigo de uma história única*:

Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais (ADICHIE, 2019, p. 17).

O personagem Edward representa o país colonizador, que pretende continuar contando a mesma história da África, mostrando apenas o lado sombrio e obscuro. Um dos autores citados é Joseph Conrad, o qual compõe o cenário das literaturas europeias que foram escritas sobre a África. De forma implícita, nota-se ainda que os participantes do Workshop mencionam a obra *Coração das Trevas*. Assim, a senegalesa comentou que vomitou quando um professor de Sorbonne explanou que Conrad estava do lado dela. Com um toque de sarcasmo, “Ujunwa começou a dar pulos, balbuciando coisas sem sentido para imitar os africanos de Conrad [...]” (ADICHIE, 2017, p. 112). Desse modo, pode-se afirmar que a obra de Conrad retrata o colonizado como um ser selvagem, e esse é o lado da história que o idealizador do evento Eduard quer perpetuar.

Nessa linha de análise, Chinua Achebe (2012) deixa bem claro que poucos como Joseph Conrad tiveram tanta destreza e poder para deixarem uma assinatura tão profunda na árvore à

beira da estrada⁵. Isso porque o escritor “[...] conseguiu transformar elementos provenientes de séculos de textos transparentemente grosseiros e fantasiosos sobre os africanos em um texto de literatura permanente e ‘séria’” (p. 85).

Em relação aos contos de Adichie, assim como nos romances, pode-se afirmar que há uma narrativa que destoa dos clássicos, promovendo uma ruptura dos padrões narrativos, visto que, enquanto a personagem africana ganha um papel de destaque, o estrangeiro aparece como mero coadjuvante. Na literatura eurocêntrica, os africanos são representados como os indivíduos sem atitudes e animais; já na obra de Adichie eles surgem como protagonistas – ainda que vivam situações de opressão. Então, quando a personagem imita um macaco, pode ser observado a denúncia sutilmente elaborada e acompanhada por ironia.

De acordo com Achille Mbembe (2014), o nascimento da literatura africana:

[s]urge da obscuridade, dos confins do porão ao qual a humanidade negra esteve confinada anteriormente no discurso ocidental. Na história do pensamento africano, a literatura, a música e a religião oferecem respostas a essa exclusão, ao indeferimento e à denegação que revelam o nascimento de África ao mundo. Esse nascimento ocorre um espaço noturno. [...] (MBEMBE, 2014, p. 67).

Como o assunto é produção literária, no conto também são citados escritores africanos renomados, como Dambudzo Marechera⁶, Alan Paton⁷, Isak Dinesen e Chinua Achebe. Cada

⁵ A árvore da beira da estrada simboliza a África que recebe golpes de facão pelos passantes (colonizadores) de acordo com Chinua Achebe (2012).

⁶ Foi poeta e escritor. Nasceu na antiga Rodésia do Sul que, depois de independente, tornou-se Zimbábue. Cresceu num contexto familiar bastante tenso, cercado pela fome e pela miséria, e relatou que devorava os livros para esquecer da fome. Quando criança, foi forçado a ver seu pai morto e desfigurado, o que lhe causou gagueira pelo resto da vida, sendo que a gagueira só o deixava quando declarava seus poemas. Com o pai morto, a miséria se intensificou e ele e sua família foram despejados pela polícia. Do subúrbio de Vengered, foram encontrar abrigo em outro lugar mais pobre, sujo e brutal, no subúrbio de Tangwena. No entanto, devido à tênue oportunidade, conseguiu entrar numa pequena escola primária da missão local. Com suas “invulgares capacidades”, foram se abrindo novas portas em outras instituições, e ele foi admitido na Escola de Saint Augustine em 1966. Entretanto, seus excelentes resultados acadêmicos foram acompanhados de problemas disciplinares em desacordo com os programas escolares coloniais. Ganhou até mesmo a oportunidade de estudar Literatura Inglesa no New College de Oxford, mas os conflitos continuaram. Foi um escritor movido pelo ódio e, assim como Adichei, Dambudzo Marechera descobriu que os negros poderiam ser escritores, quando leu a obra *Weep Not Child* de Ngugi wa Thiong’o e decidiu seguir apenas essa carreira. Outro ponto conturbado de sua vida foi a guerras pela independência. Esses constantes conflitos perpassam suas obras. Depois de sua morte, foi aclamado pelos zimbabuenses como escritor rebelde e contestador. Entre as obras que publicou em vida, estão: *The House of Hunger* (1978), *Black Sunlight* (1980) e *Mindblast* (1984) (PINTO DE SÁ, 2011). Infelizmente, não há obras de Dambudzo traduzidas para o português.

⁷ Nasceu em 11 de janeiro de 1903, em Pietermaritzbur, Natal, África do Sul, e faleceu em decorrência de um câncer, em 12 de abril de 1988. Paton estudou na Universidade de Natal e depois trabalhou na mesma instituição, de 1925 a 1935. Em 1935, deixou seu cargo de professor para dirigir o Reformatório Diepkloof para meninos africanos delinquentes, perto de Joanesburgo. Escreveu, durante sua gestão no reformatório, seu primeiro romance, intitulado *Cry, the Beloved Country* (1948), retratando a discriminação racial e o problema do *apartheid* na África do Sul. Esse romance foi um grande sucesso mundial e possui tradução para o português. Escreveu outro romance *Too Late the Phalarope* (1953), a biografia do ministro Jan Hofmeyr (1964) e sua própria autobiografia em 1980 (PLATON, 2019).

escritor recebeu um adjetivo de acordo com suas produções artísticas: Dambudzo Marechera incrível, Alan Paton paternalista, Isak Dinesen⁸ imperdoável e Chinua Achebe chato/sublime.

Nesse sentido, Dambudzo Marechera e Chinua Achebe⁹ são expoentes representativos de um espectro de autores que põem em xeque a subalternização do povo africano. Como as discussões e conclusões feitas pelo grupo de personagens com diferentes nacionalidades africanas demonstram, os africanos não são apenas capazes de produzir obras literárias, mas também de tecer críticas. Esses aspectos evidenciam a importância da leitura de maneira plural, mas também como fonte de análise porque a obra literária é fruto da produção humana, entremeadada de representações que podem perpetuar estereótipos ou desconstruí-los, sobre determinadas sociedades. Isso faz com que as obras de Adichie sejam claras em deixar transparecer a quebra de paradigmas impostos de maneira homogênea. Observa-se, portanto, que Adichie busca contar o outro lado da história da África na sua extensão e pluralidade, em detrimento da história do colonizador bem como considera a riqueza das identidades e de nações que não são fixas, além das táticas no que diz respeito à construção da mulher como sujeito social e histórico.

Conclui-se que esse conto questiona tanto a história oficial datada quanto a produção literária e, assim como Adichie se utiliza da escrita literária para denunciar, muitas vezes, a história oficial/ homogênea, o historiador pode se utilizar de suas narrativas para analisar sua produção artística.

⁸ Nasceu em 1885, em Rungstedlund, Dinamarca, com o nome de Karen Dinesen. Seu pai era Wilhelm Dinesen, ex-militar, e escreveu livros de ensaios sobre caça inspirado no período em que viveu nos Estados Unidos com os nativos. Karen casou-se em 1914 com seu primo, o barão Bror von Blixen-Finecke, tornando-se baronesa. Emigraram para a África/Quênia e lá compraram uma fazenda próxima a Nairobi. Foi um casamento infeliz e em 1921 divorciaram-se. Karen contraiu uma doença venérea do seu marido, que não foi devidamente tratada e que debilitou sua saúde para o resto da vida, colaborando para sua morte aos 77 anos, em 1963. Após a separação, Karen (agora Blixen) continuou a viver da plantação de café, sendo que desenvolveu e administrou por dezessete anos mais de dois mil e quatrocentos hectares sozinha. Em 1931, o mercado do café entrou em colapso e ela foi forçada a deixar a África e voltar para sua antiga casa, em Rungstedlund, Dinamarca. Assim como seu pai, começou a se dedicar à literatura, escrevendo sob o pseudônimo de Isak Dinesen: *Even gothic tales* (Sete novelas fantásticas) 1934, *Out of Africa* (Uma fazenda africana) 1937, *Winter's tales*, 1942; *Last tales*, 1957; *Anecdotes of destiny*, 1958; *Shadows on the grass*, 1960 e *Ehregard*, 1963 (DINESEN, 2007). Em suas obras, a África é retratada de maneira idílica.

⁹ Esse escritor já foi mencionado e trabalhado no início desta dissertação, mas vale aqui retomar um pouco da sua trajetória. Nasce em Ogidi, Nigéria, em 1930. Estudou inglês, história e teologia na Universidade de Ibadan. Foi romancista, poeta, contista e crítico, além de possuir um acervo de cerca de 30 livros. Atuou na diplomacia durante o conflito de Biafra (1967-70) e foi professor em universidades do Estados Unidos e da Nigéria. Achebe é um dos mais conceituados escritores que retrata o outro lado da história, partindo da visão do colonizado. Em suas obras, apresenta a depreciação que o Ocidente faz sobre a cultura e as civilizações africanas, bem como os efeitos da colonização do continente pelos europeus, principalmente do povo igbo. Sua mais importante obra é *O mundo se despedaça*. Além disso, também escreveu obras abertamente críticas à política nigeriana (ACHEBE 2012).

Capítulo 3

Escrita, Multiculturalismo e Identidades Decoloniais

Dando continuidade as questões de escrita, Carol Boyce Davies (1994), em *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subjects*, sugere que a escrita de mulheres negras deve ser lida como uma série de cruzamentos de fronteiras, ao invés de um gênero fixo de escrita, geograficamente, etnicamente ou nacionalmente. A partir de perspectivas transculturais, transnacionais, translocais e da diáspora, redefine-se, assim, a identidade da exclusão e da marginalização. Isso porque a escrita/existência de mulheres negras, marginalizadas em discursos de maioria-minoria, no masculino ou feminino europeu-americano ou na norma masculina negra reconstróem suas identidades ao reconectar e lembrar, o que faz com que sejam reunidas, dessa forma, mulheres negras deslocadas no espaço e no tempo (DAVIES, 1994).

É preciso assinalar que Boyce Davies provém de um lar diaspórico, visto que sua mãe emigrou para os Estados Unidos em 1960, em busca de melhores oportunidades de trabalho e para criar seus filhos. Posteriormente, suas migrações são anuais entre o Caribe e os Estados Unidos. Desse modo, pode-se dizer que sua mãe vive nesse espaço intermediário que desafia o senso de localização estritamente habitual. Em cada país, ela estabelece relações de parentesco, comunitárias, de espiritualidade, de serviço e de ruptura em cada comunidade. Nesse contexto, Boyce Davies migrou, então, para a América do Norte, para vários países africanos e caribenhos, para a Europa e até mesmo para o Brasil. Diante disso, a autora conclui que cada lugar mudou, redefiniu e reconstituiu suas identidades.

Um ponto fundamental das escritas das mulheres negras, de acordo com Boyce Davies (1994), é a renegociação de identidades em contextos transculturais. Além disso, ela trabalha com “histórias e horror da migração”. Nesse sentido, a pensadora afirma que o horror interrompe narrativas ininterruptas de pessoas e lugares e que o processo de escrita também vai nessa linha discursiva produzido por meio de uma série de interrupções.

Pensando na questão de renegociação de identidades, Stuart Hall¹⁰ vai pensar as dinâmicas de opressão e a questão da cultura. Esse debate está muito presente particularmente

¹⁰ É importante olhar para a vida de Stuart Hall para compreender um pouco mais suas teorias. Jamaicano nasceu em Kingston em 1932 e faleceu em Londres em 2014. Foi de uma família de classe média negra na Jamaica e como classe média ele frequentou colégios importantes. Com 19 anos vai completar seus estudos na Inglaterra. Embora a sua origem seja de classe média na Jamaica ele é colocado no gueto como negro, jamaicano, do terceiro

na obra *Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais* (2003). Em destaque, pode ser mencionado o ensaio em que ele aborda o multiculturalismo, no capítulo chamado “A Questão Multicultural”, em que o autor argumenta que há uma diferença entre multicultural e multiculturalismo. Segundo o referido teórico dos estudos culturais, multicultural é uma característica das sociedades contemporâneas, considerando-se que, em função de uma série de processos históricos recentes, os panoramas dessas sociedades são multiculturais. Já o multiculturalismo é a forma que se governa/administra esse panorama multicultural, justamente no cenário das dimensões multiculturais, que são inerentes à sociedade contemporânea.

Nesse contexto de explicações, Stuart Hall elenca três fatores históricos que levaram à formação de sociedades multiculturais. A primeira é a decadência dos históricos impérios europeus, evidentemente destacando-se o próprio império britânico, pois as antigas colônias desses impérios europeus se tornaram nações independentes. Dessa forma, na medida em que essas nações –, as antigas colônias, – conquistam a sua independência, elas constroem seus projetos de Estado Nação. Com isso, advém também uma narrativa acerca de uma identidade cultural nacional. Nessa esteira de discussões, as identidades culturais nacionais começam a ser consolidadas como narrativas, em função dessa mudança no que diz respeito à própria configuração do mundo.

O segundo fato histórico que o pensador cita é o fim da guerra fria, um conflito geopolítico construído após a Segunda Guerra Mundial, que opunha os Estados Unidos e a antiga União Soviética, reduzindo todos os conflitos internacionais, na época, a essa bipolaridade entre o que se chamou comunismo do bloco, liderado pela antiga União Soviética, e capitalismo, no bloco liderado pelos Estados Unidos. Quando terminou a Guerra Fria, outros

mundo e da antiga colônia da Inglaterra. Então, ele vivencia uma situação muito diferente do que ele estava acostumado na sua terra natal em Kingston. Por conta disso vai sentir-se um eterno deslocado apesar de ser considerado um grande aluno e posteriormente fazer uma carreira acadêmica brilhante. Hall se descobre deslocado e vai perceber que isso é uma realidade comum entre todos os imigrantes que vivem no império britânico. Por conta disso a sua teoria os seus conceitos, as suas obras expressam não só uma proposta acadêmica intelectual, mas também são dilemas da sua própria vivência. Stuart Hall se aproxima da corrente conhecida como estudos culturais britânicos a preocupação desses intelectuais foi discutir a cultura na perspectiva marxista. Hall entrou para o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham em 1964, assumindo a direção desse centro em 1968 e lá permaneceu até 1979. Outro ponto interessante para pensarmos a importância do pensamento de Stuart Hall ao contrário dos seus anteriores na Universidade de Birmingham, ele veio da ciência da linguagem da literatura os demais pensadores Raimundo William, Eduardo Thompson, são da Ciência Sociais e o que é interessante é uma certa tendência dos pensadores dessa área da Ciência Sociais pensar categorias mais fechadas. Stuart Hall pensa sempre categorias mais abertas, mais fluidas, mais transitórias. No próprio estilo dos seus textos tanto os ensaios *Da Diáspora* e a sua própria obra *A identidade cultural da pós-modernidade* podemos perceber que não há uma preocupação de concluir o processo. Ele vai construindo narrativas observando justamente os fenômenos culturais, vai apresentando dinâmicas que muitas vezes passam despercebidas quando ficamos presos a categorias mais fechadas. Esse é o elemento mais sedutor da obra de Stuart Hall, é um pensador extremamente interessante, instigante que traz questões importantes para pensarmos os dilemas dessa diversidade cultural no mundo de hoje no qual os trânsitos culturais são muito mais intensos.

dilemas, que eram subordinados a esse conflito geopolítico, passam a ter mais visibilidade, entre eles as dinâmicas dos conflitos culturais.

Então, o terceiro fato histórico é a globalização, consolidada no capitalismo, cenário em que o capital vai se transformando em níveis muito maiores. Assim, aumentam os contatos entre povos diferentes e do mesmo território. A própria concentração de riquezas, com esse novo padrão de acumulação do capital, gera migrações forçadas, oriundas de países mais pobres e direcionadas para os países mais ricos. O próprio capital, na medida em que vai expandindo suas fronteiras, vai fazendo, também, que esses operadores do gerenciamento de capital também viajem para vários outros países, e isso aumenta os contatos culturais. Nesse ínterim, os panoramas da diversidade cultural vão se tornando mais presentes e intensos. Nessa linha de análise, esses arranjos institucionais da democracia liberal trazem desafios acerca de como gerenciar esses panoramas multiculturais, que são produtos justamente desses três processos históricos.

Stuart Hall (2003), então, vai discutir o multiculturalismo, elencando que existem vários tipos de multiculturalismos: conservador, liberal, pluralista, comercial, corporativo, crítico. Desses, podem ser destacados, para esta pesquisa, pelo menos quatro. O multiculturalismo conservador defende a ideia de que a diversidade cultural tem que ser tratada pela segregação de guetos, por exemplo a própria lógica do apartheid na África do Sul e o que ocorre, por exemplo, hoje em Israel com os palestinos. Por conseguinte, a intolerância levanta muros, segregando adversários culturais. O multiculturalismo liberal busca a integração de diferentes grupos culturais, baseando-se em uma cidadania individual universal, tolerando certas práticas culturais particularistas apenas no domínio privado. O multiculturalismo pluralista avalia diferenças culturais e está associado aos direitos de grupos/comunidades distintas. O multiculturalismo comercial que é a tendência de transformar a diversidade cultural em nichos de mercado de consumo, fazendo com que esta seja segmentada a partir de formas de produção de mercadorias.

É importante destacar que Stuart Hall (2003) argumenta que, ao mesmo tempo em que existe uma concentração monopolizadora da produção cultural do processo de distribuição dos bens culturais, há uma proliferação subalterna da diferença na globalização. Assim, a globalização concentra poderes, recursos de desigualdade social, força migrações, mas esses grupos migratórios subalternos buscam uma expressão justamente reivindicando suas singularidades culturais. Trata-se de uma diferença que vai se proliferando de forma subalterna, com potenciais críticos transformadores.

Emprestando o conceito de outro pensador importante, Homi Bhabha, Stuart Hall (2003) utiliza o conceito de “tempo liminar” das minorias. Isso significa que as minorias étnicas, enquanto minorias culturais, têm momentos pontuais. Nesse sentido, o tempo liminar expressa a diversidade. Então, se, por um lado, se volta para as ações que essas minorias liminarmente não conseguem, por exemplo, enfrentar, a contento o poder global avassalador, por outro lado, isso impedem que esse poder global homogeneíze totalmente a perspectiva cultural.

As estratégias de *différance* não são capazes de inaugurar formas totalmente distintas de vida (não funcionam segundo a noção de uma “superação” dialética totalizante). Não podem conservar intactas as formas antigas e tradicionais de vida. Operam melhor dentro daquilo que Homi Bhabha denomina “tempo liminar” das minorias (Bhabha, 1997). Contudo, a *différance* impede que qualquer sistema se estabilize em uma totalidade inteiramente suturada. Essas estratégias surgem nos vazios e aporias, que constituem sítios potenciais de resistência, intervenção e tradução. Nesses interstícios, existe a possibilidade de um conjunto disseminado de modernidades vernáculas. Culturalmente, elas não podem conter a maré da tecno-modernidade ocidentalizante. Entretanto, continuam a modular, desviar e “traduzir” seus imperativos a partir da base. [...] (HALL, 2003, p. 61).

Então, segundo Hall (2003), processos constantes de deslocamentos têm aparição cada vez mais frequentemente, tanto por parte das minorias, que estão imersas no poder global que força certa homogeneização, quanto advindos do próprio poder global, que tende a homogeneizar culturas. Por conseguinte, a globalização é obrigada a articular e a dialogar com esse tempo liminar das minorias, e isso vai criando circularidades e modificações, que vão correndo no terreno da cultura e da identidade.

Em outras palavras, as minorias expressam uma diversidade, evidentemente como ação reativa a esse poder hegemônico, mas, ao mesmo tempo em que elas expressam essa diversidade, impedem que o poder hegemônico se consolide. No entanto, não chega a ser algo que vai derrubar o poder hegemônico. Trata-se, portanto, de uma contradição permanente, segundo ele, porque exatamente esse elemento que vai ser pensado no âmbito da construção das teorias sobre cultura e identidade.

Nesse contexto, é muito interessante essa possibilidade de análise que é apresentada, inclusive no livro *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (2006), quando ele aborda a ideia de um sujeito centrado, um sujeito único, com uma perspectiva diretiva que está presente nos projetos, por exemplo de identidade nacional, concluindo que tal conceptualização e perspectiva está em crise. Segundo o teórico, as identidades são narrativas que estão vinculadas a projetos nacionais, políticos e de emancipação. Desse modo, por serem narrativas, elas são constantemente reconstruídas e ressignificadas. Sendo assim, justamente em meio a essas relações, conflitos e antagonismos diversos mostram como esse processo vai acontecendo.

Nesse sentido, busca-se analisar aspectos decoloniais e de identidade nos contos em questão. Pode-se dizer que, em “A embaixada americana”, por exemplo, a narrativa possui um narrador observador, ou seja, o conto é narrado em terceira pessoa, somando-se ao fato de que o tempo da narrativa é psicológico e feito de flashbacks na mente da personagem. Ademais, a personagem principal é uma mulher que está na fila da embaixada americana, devido à necessidade de buscar asilo. É preciso situar, ainda, que a protagonista não é nomeada, sendo que o único personagem que é nomeado é seu filho, Ugonna. Ela era jornalista como seu marido, mas acabou desistindo do emprego, devido à sua gravidez de risco. Seu cônjuge era um jornalista pró-democracia, e passaram a ocorrer perseguições pelo governo do ditador Abacha¹¹, o que colocou sua família em risco.

O tempo da narrativa se passa na fila da entrevista para a obtenção do visto americano, com as memórias da protagonista revelando principalmente os acontecimentos das últimas semanas. O ápice da narrativa é o final, que se passa diante da implacável atendente americana. Ela acaba refletindo sobre a nova vida que seu filho lhe proporcionou, e percebe que o relato de sua história não foi suficiente para obter o visto estadunidense, pois a funcionária da embaixada continua exigindo provas concretas de que ela estava sendo perseguida pelo governo, e não por brigas entre etnias diferentes ou por assassinato por particulares. Então, a mulher percebe que a atendente não tem conhecimento da história do governo nigeriano e que isso pouco lhe interessa. Por tais razões, a mulher se retira do estabelecimento, para continuar com sua identidade de mãe de Ugonna, venerando o túmulo de seu filho com pés de ixora.

Nesse sentido, tanto essa personagem, que não foi nomeada, quanto Chinaza e Akunna, são personagens diaspóricas. De certa forma, tais sujeitos representam todo um conjunto de pessoas que desejam sair da Nigéria e entrar nos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida.

O contexto da narrativa se passa no final do governo ditatorial de Sani Abacha: “O governo de Abacha até agora: de 1993 a 1997” (ADICHIE, 2017, p.148). No entanto, o foco

¹¹ Sani Abacha (nascido em 20 de setembro de 1943 em Kano, Nigéria; falecido em 8 de junho de 1998 em Abuja) foi um líder militar nigeriano e chefe de estado (1993–1998). Abacha prometeu um retorno à democracia, mas suas ações foram tudo menos democráticas. Ele baniu toda atividade política, demitiu grande parte dos militares, controlou a imprensa e criou uma força de segurança pessoal de cerca de 3.000. Ajudou a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e o seu braço militar, o Grupo de Observação da CEDEAO (ECOMOG), a enviar tropas para restaurar a democracia na Libéria e na Serra Leoa, ao mesmo tempo em que reprimia os dissidentes internos. O ex-líder militar nigeriano Aviola Eolsegun Obasanjo (1976-79) foi preso sob a acusação de traição. Wole Soinka também foi acusado de alta traição, apesar de ter deixado o país voluntariamente. Talvez o ato mais brutal de Abacha tenha sido a prisão, julgamento e subsequente execução por traição contra o autor Ken Saro-Wiwa e outros ativistas Ogoni que temiam a exploração ambiental da região por companhias petrolíferas multinacionais. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Augusto-Pinochet> Acesso em: 23/06/23.

do enredo é a história de uma mulher. A personagem não recebe um nome, sendo que, inicialmente, apresentada por meio do uso de um pronome pessoal “Ela estava na fila diante da embaixada americana em Lagos olhando fixamente para frente, quase imóvel, com uma pasta azul cheia de documentos enfiado de baixo do braço” (ADICHIE, 2017, p.139). O recurso linguístico empregado, nessa linha de análise, é o da metonímia (da parte pelo todo), representando outras mulheres que sofreram durante a ditadura (em que uma mulher representa um coletivo de mulheres). Trata-se, também, de uma elipse, assim como os nomes das mulheres são ocultados durante o processo histórico da humanidade bem como sua participação.

Como se depreende que a personagem em questão busca conseguir asilo político, após a fuga de seu marido e o assassinato de seu filho, é nesse contexto que se desenrola a intriga do conto, cujo conflito do enredo tem a ditadura de Abacha como pano de fundo e parte da ação com a atendente da embaixada americana.

Em um primeiro momento, a mulher parece indiferente e desatenta na fila da embaixada americana, ignorando os jornalheiros, os mendigos, as bicicletas dos sorveteiros com suas buzinas e, também, uma minúscula mosca que voava perto de sua orelha. Seu corpo está quieto, mas sua mente está desestabilizada. Desse modo, ela solicita para o doutor Balogun mais tranquilizantes, o que o médico se recusa a lhe fornecer, pois ela precisaria estar alerta para a entrevista do visto. Nesse cenário, é inteiramente presumível, diante da fila de espera, imaginar uma mulher apática e depressiva buscando com todas suas forças para continuar a viver sem seu único filho. Como se depreende no decorrer da narrativa, posteriormente ela manifesta-se como uma mulher tão resistente e corajosa quanto seu marido, que não poupou esforços para defender um governo democrático.

Salienta-se, ainda, que a identidade de mulher mãe está frisada/expressa/descrita no enredo, ainda que, antes de engravidar, tenha estudado jornalismo na faculdade em Zaria. Nesse período, fora organizadora de um protesto contra a decisão do governo do general Buhari¹² de

¹² Muhammadu Buhari nasceu em 17 de dezembro de 1942, Daura, Nigéria, líder militar e político nigeriano que serviu como chefe de estado da Nigéria em 1984–85 e mais tarde como presidente eleito democraticamente em 2015–23. Recebeu treinamento militar em Kaduna, bem como na Grã-Bretanha, Índia e Estados Unidos. Esteve envolvido no golpe militar que derrubou Yakubu Gowon em 1975 e foi nomeado governador militar do estado do Nordeste (atual Borno) no mesmo ano. Em 1977, Buhari havia se tornado o secretário militar do Quartel General Militar Supremo, que era a sede do governo. Em setembro de 1979, ele havia retornado às funções regulares do exército e comandava uma divisão em Kaduna. Embora o governo civil tenha retornado à Nigéria em 1979 com a eleição de Shehu Shagari, a insatisfação com as péssimas condições econômicas e o que os militares consideravam políticos corruptos levaram a outro golpe militar em 31 de dezembro de 1983, e Buhari foi escolhido por unanimidade para ser o novo chefe do Estado. Ele instituiu medidas de austeridade assumiu uma postura dura em relação à corrupção: centenas de políticos e empresários foram julgados e condenados ou aguardavam julgamento por acusações relacionadas à corrupção. Seu regime lançou a “Guerra Contra a Indisciplina”, um programa que buscava promover valores positivos na sociedade nigeriana, embora métodos autoritários fossem às vezes usados na implementação do programa. Em um esforço para impedir a dissidência contra suas políticas, Buhari instituiu

cortar bolsas. Além disso, escrevera sobre a tentativa de assassinato do editor do jornal *The Guardian*.

Dessa perceptiva, as identidades das personagens estão de certa forma envolvidas com a busca do conhecimento advindo do ensino superior. Akunna, a partir do conto “No seu pescoço”, vai para os Estados Unidos para estudar numa universidade comunitária. Chinaza, em “Os casamenteiros”, antes de casar-se, queria prestar novamente o exame nacional para tentar entrar numa universidade. Ujunwa, em “Jumping Monkey Hill”, manifesta o desejo de estudar literatura e tornar-se escritora, ainda que tenha feito economia.

Vale frisar que as personagens de Adichie não são frágeis nem dissimuladas, são mulheres fortes que possuem/ou adquirem conhecimento sobre sua real situação numa sociedade hierarquizada socialmente e culturalmente, como foi abordado por Quijano (2005). A personagem em luto, por exemplo, vive a dor da perda do filho, provocada por agentes do governo. Há uma tentativa de sair do país, mas, sem muita opção, prefere continuar resistindo. Inadequado seria esquecer a passagem da explicação da protagonista sobre quem foram os responsáveis pelo assassinato de Ugonna:

“Senhora? A senhora disse que foi o governo?”, perguntou a funcionária./ “O governo” era algo tão vasto que era libertador, dava às pessoas espaço para manobrar, dar desculpas, passar a responsabilidade diante. Foram três homens. Três homens como seu marido, ou seu irmão, ou o homem atrás dela na fila do visto. Três homens (ADICHIE, 2017, p. 151).

O fato de a maioria das personagens do conto não possuírem nomes pode ser lido como uma mobilização dos recursos da metonímia e da elipse, conforme mencionado acima. A metonímia (da parte pelo todo) representa os agentes do governo que executaram as ordens dos ditadores e a elipse que é a ocultação de suas identidades, o que faz com que a personagem apenas recorde-se do ditador de forma simulada e não direta.

A respeito dessa polaridade, a escritora inscreve-se na discussão acerca da questão dos nomes porque habitualmente protagonizavam, no estudo da história, reis, líderes militares e políticos. No entanto, na década de 1920, com as influências das discussões da Escola dos

restrições à imprensa, às liberdades políticas e aos sindicalistas. Embora muitos cidadãos nigerianos tenham inicialmente elogiado os esforços de Buhari para erradicar a corrupção e melhorar os valores sociais, as medidas repressivas empregadas por seu regime, em um cenário de contínuos problemas econômicos, levaram ao descontentamento. Em agosto de 1985, até os militares estavam fartos e, em 27 de agosto, o major-general Ibrahim Babangida assumiu o controle do governo. Buhari foi detido na cidade de Benin, mas foi libertado no final de 1988. Buhari também concorreu à presidência em 2003, 2007 e 2011 e venceu em 2015 por ter uma reputação de ser incorruptível no seu histórico militar e muitos nigerianos esperavam que pudesse lidar com mais eficácia com a ameaça representada pelo grupo militante islâmico Boko Haram. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/role-of-Nigerian-women-1360615> Acesso em: 30/05/23.

Annales, permitiu-se que os sujeitos históricos comuns fossem vistos como produtores da história.

Nessa linha de análise, a escritora revela as responsabilidades dos crimes políticos cometidos pelo ditador Abacha, assim como por seus funcionários¹³:

[...] Um soldado estava açoitando um homem de óculos com um longo chicote que serpenteava no ar antes de estalar sobre o rosto do homem, ou sobre o seu pescoço, ela não tinha certeza, pois as mãos dele estavam erguidas, como se ele quisesse afastar o chicote. Ela viu quando os óculos do homem escorregaram e caíram no chão. Viu o calcanhar da bota do soldado esmagar a armação negra, as lentes escuras (ADICHIE, 2017, p. 140).

Logo após esse acontecimento, o homem que está na fila atrás da mulher comenta “nosso povo ficou acostumado demais a implorar para soldados” (ADICHIE, 2017, p. 140). A violência parece estar naturalizada. Pelo viés histórico, a Nigéria foi colonizada, primeiramente, por portugueses e, depois, pelos ingleses. Sua independência é recente e foi assumida, assim como o Brasil, por governos autoritários, que se utilizaram das forças armadas para controlar e coagir a população, em prol de um suposto progresso em meio à criação de uma nação imaginada.

Não se pode perder de vista que a teoria clássica do Estado entende que uma das funções/características importantes e centrais do governo é a constituição do exercício do monopólio da violência legítima. De acordo com Hannah Arendt (2022), poder e violência são opostos, porque ela vai entender que o poder é a relação que existe entre os homens livres. O poder é relação, não é um objeto que se possui ou deixa de possuir. Em uma sociedade livre, o poder é essa relação entre os homens livres, enquanto a violência destrói a ideia do espaço público, impondo uma vontade que aniquila todos os outros direitos. Então, não há sociedades baseadas no poder, mas existem sociedades baseadas na violência. Pensando nessa linha de análise, é muito importante essa distinção que Arendt faz, pois isso vai permitir que ela faça críticas tanto das sociedades totalitárias quanto das sociedades liberais.

Observando a intriga do enredo e dando continuidade ao contexto histórico da divisão imperialista do continente africano e da construção Estado-Nação no pós-independência, pode ser mencionado que, por muito tempo, acreditou-se e se acredita que os problemas dos governos ditadores estejam ligados às fronteiras que foram delimitadas pelos europeus.

Assim como já foi exposto por Stuart Hall (2003), as construções das nações são narrativas. Aliás, Benedict Anderson, na obra *Comunidades Imaginadas* (1983, p. 32), também

¹³ Os governos autoritários são resultados do processo da descolonização que desenvolveu Estados-nação multiculturais e continuam a refletir suas condições de existência sob o colonialismo.

propôs “a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. Imaginada, porque seus indivíduos, mesmo nunca conhecendo integralmente uns aos outros, compartilham signos e símbolos que os tornam conscientes de pertencer a um mesmo espaço imaginário. Limitada, porque não importa quão grande ou elástica uma nação possa ser, ela sempre tem um limite além do qual outras nações existem. Soberana porque pressupõe lidar com um grande pluralismo vivo.

Em outras palavras, as fronteiras são artificiais em todos os processos históricos da humanidade. Assim, apreende-se que os europeus não traçaram e fatiaram a África como um bolo, mas tiveram que articular-se com os povos africanos e respeitar suas demarcações ancestrais.¹⁴ Além do mais, os colonizadores não adentraram e foram espoliando o território, pois, desde o início, encararam a resistência. Um exemplo disso é a história da Rainha Ginga, na Angola, que enfrentou os colonizadores portugueses.

Então, por haver guerras e governos autoritários, isso não significa que os povos africanos sejam incapazes de construir um continente melhor, pois, no presente conto, observa-se a presença de uma mulher culta resistindo à ditadura sendo que, mesmo numa democracia, é preciso lutar para manter/conquistar outros direitos.

Cumprir observar as especialidades presentes, também nos outros contos aqui analisados, como quando a escritora explora a colisão entre duas culturas e as consequências desse encontro para as vidas humanas em jogo. No que diz respeito a essa instância, pode-se mencionar uma das principais características da obra de Chimamanda, que não é só a colisão, mas também a própria auto-influência¹⁵, que reverbera nas suas obras.

Um ponto interessante do conto “A embaixada americana” é que a personagem também não expressa, de maneira explícita, a qual etnia pertence¹⁶. De certa maneira, isso permite unir o povo em prol de uma democracia independente da origem seja ioruba, igbo ou hausa, cristão ou mulçumano. É possível observar essa diversidade cultural na Nigéria através das descrições dos mendigos que recitavam bênçãos às pessoas que lhes ofertavam dinheiro, cujos proferimentos eram apresentados em língua inglesa, iorubá, inglês pidgin, igbo e hausa. Ademais, a religião também está impressa nas vestimentas dos mendigos:

¹⁴ Wolfgang Adolf Karl Döpcke trabalha com a desmistificação dos mitos sobre as fronteiras na África.

¹⁵ Auto-influência é o poder de modificar a si mesmo, desenvolvimento pessoal, melhores os relacionamentos, compreender as nuances da vida.

¹⁶ No entanto há uma passagem onde ela cita a cidade em que foi enterro seu filho: Umunachi que fica no Sudeste na Nigéria e conseqüentemente a região sul é predominantemente da etnia igbo.

Ela virou de costas para o homem e ficou observando os mendigos fazendo a ronda ao longo da fila do visto. Homens famintos usando túnicas compridas e imundas, com terços islâmicos nas mãos, citando o alcorão; mulheres com os olhos amarelados, levando bebês doentes amarrados às costas com panos puídos; um casal de cegos sendo guiado pela mão pela filha, com medalhas azuis da Virgem Maria penduradas em seus pescoços abaixo das golas esfiapadas [...] (ADICHIE, 2017, p. 148).

No norte da Nigéria, predomina a religião islâmica, já no Sul, o cristianismo. Essas duas regiões desenvolveram uma forte rivalidade religiosa, econômica, étnica e cultural, por exemplo, no que diz respeito à tentativa de separação da República de Biafra¹⁷. Em outras palavras, a Nigéria conquistou sua independência constituindo-se como Estado-nação, sem uma identidade nacional homogênea. Desse modo, pelo fato de a escritora ser descendente da etnia igbo, a maioria das personagens pertencem a essa etnia. Pode-se notar, por exemplo, que as frases em igbo não possuem tradução, o que faz com que o leitor presuma o significado através do contexto. Além de mencionar frases em igbo, Adichie (2017) valoriza sua língua, os nomes e sua cultura através da literatura. Outro ponto importante que está presente é a culinária, conforme será mais bem trabalhado no próximo capítulo:

Será que ela estava imaginando, ou a simpatia estava desaparecendo do rosto da funcionária? Ela viu o gesto rápido com que a mulher jogou o cabelo castanho-avermelhado pra trás, embora não tivesse incomodando, estivesse quieto sobre o pescoço, emoldurando o rosto pálido. O futuro dela dependia daquele rosto. O rosto de uma pessoa que não a compreendia, que não devia cozinhar com azeite de dendê, quando estava fresco, tinha um tom muito vermelho, e quando não estava, virava um creme laranja espesso (ADICHIE, 2017, p. 153).

É nesse momento que a personagem percebe que a embaixada americana não está presente na Nigéria para ajudar os nigerianos e que a atendente está tão pouco interessada em sua história. Considerando-se que a personagem é esposa do jornalista que escreveu uma crítica direta ao governo, não precisava mais de provas, nem que contasse a morte do seu filho para que a outra soubesse de sua história. Outrossim, do mesmo modo como ela parece invisível para a atendente americana, também na fila do visto o homem bem-vestido elogia o jornalista, mas não sabe que sua esposa está à sua frente, buscando refúgio para sobreviver.

Cada personagem muda, redefine e reconstitui suas identidades. A personagem inominada passa de jornalista engajada em assuntos políticos para ser esposa, mãe e para viver apenas no ambiente privado. Com a morte de seu filho, ela se volta para sua comunidade ancestral. Por meio de Ujunwa, de “Jumping Monkey Hill”, tem-se a identidade de escritora,

¹⁷ Foi um grande genocídio contra a maioria do povo igbo causado e executados pelos emires hausa-fulan que assassinaram mais de 3,1 milhões.

economista, mulher e desempregada. Akunna de “No seu pescoço”, filha da diáspora, vai para os Estados Unidos, considerado o país das oportunidades, sendo que sua identidade é atravessada por ser imigrante, negra, africana, igbo, jovem/mulher, classe social baixa, o que lhe implica uma série de conflitos e desafios. Chinaza, de “Os casamenteiros”, está em condição de adequar-se a um casamento obrigado, além de ser imigrante, negra, africana, igbo, mulher, desempregada, sem curso superior. De antemão, nesse emaranhado de identidades, há uma camada de ressentimentos e questões a serem combatidas pelas personagens.

Nesse sentido, a identidade, de acordo com Stuart Hall (2003, p. 16), é utilizada como “um lugar que se assume uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada”. Além disso, as identidades não são fixas na pós-modernidade, pois são dinâmicas, sendo atravessadas por muitas outras identidades.

No capítulo a seguir, pode-se observar essa costura de posições e de contexto no que se refere à (des)construção das identidades das personagens, o que permite ao leitor vislumbrar como são moveis, instáveis e como combatem a homogeneização da cultura ocidental.

Capítulo 4

Lar, Língua, Comida, Roupas e Códigos sociais

Neste capítulo, serão analisados os espaços simbólicos ocupados pela alimentação, pela língua, pelas vestimentas, além dos papéis desempenhados pelos personagens homens e pelas personagens mulheres, considerando-se, ainda, os ritos e os códigos sociais, principalmente no viés do choque da cultura nigeriana versus a cultura euro-americana, observando-se a constituição do lar, a imposição da língua estrangeira e a subjetividade feminina africana/nigeriana.

Neste momento, será problematizado o lugar “casa” e seus espaços interiores buscando pensar na concepção de lar e em como as personagens retratam esse espaço. De acordo com Carole Boyce Davies, em *Black Women Writing and Identity* (1994), geralmente são abordadas, na escrita autobiográfica das mulheres negras, questões de casa e de exílio:

[...] Home is often portrayed as a place of alienation and displacement in autobiographical writing. The family is sometimes situated as a site of oppression for women. The mystified notions of home and family are removed from their romantic, idealized moorings, to speak of pain, movement, difficulty, learning and love in complex ways. Thus, the complicated notion of home mirrors the problematizing of community/nation/identity that one finds in Black women’s writing from a variety of communities. [...] (p. 15).¹⁸

Observando o lar metaforicamente, ele aponta para a simbolização das personagens, muitas vezes em meio a um lugar de opressão, dor, aprisionamento, dificuldades. O décimo conto do livro “Os casamenteiros”, é ambientado nos Estados Unidos. Nele, Chinaza, a personagem principal, conta a história em primeira pessoa. Ela sai de Lagos e vai para os Estados Unidos (Nova Iorque), graças ao casamento arranjado por seus tios que a haviam adotado. Provavelmente, na Nigéria, **a casa de seus tios é de classe média, mas, com o surgimento dessa possibilidade de casamento, Chinaza é obrigada a sair de casa¹⁹. Por**

¹⁸ Tradução: O lar é frequentemente retratado como um lugar de alienação e deslocamento na escrita autobiográfica. A família às vezes é situada como um local de opressão para as mulheres. As noções mistificadas de lar e família são removidas de suas amarras românticas e idealizadas, para falar de dor, movimento, dificuldade, aprendizado e amor de maneiras complexas. Assim, a complicada noção de lar reflete a problematização da comunidade/nação/identidade que se encontra na escrita de mulheres negras de uma variedade de comunidades.

¹⁹ A personagem não sente confortável na casa de seus tios pois sempre devia estar a serviço do lar e da padaria da família. Era retribuída com um par de sapatos novos a cada dois anos. Não podia reclamar muito menos rejeitar o marido.

outro lado, a casa que ela vai encontrar nos Estados Unidos é um prédio antigo e mal-conservado.

“Chegamos”, disse ele. Ele tinha usado a palavra “casa” para se referir ao lugar onde íamos morar. Eu imaginava uma aleia plana que serpenteava por um gramado cor de pepino até uma porta que dava num saguão, quadros serenos nas paredes. Uma casa como aquelas dos brancos recém-casados nos filmes americanos que passavam aos sábados à noite na NTA (ADICHIE, 2017, p. 180).

A visão estereotipada dos Estados Unidos começa a ser desfeita, pois a personagem tinha uma visão construída através dos filmes americanos, que retratavam, na maioria das vezes, casais felizes em ambientes confortáveis. Pode ser observado, aqui, que os estadunidenses também estão preocupados em repassar a sua imagem, que geralmente é favorável aos seus interesses.

Cabe-nos, então, indagar: por que os Estados Unidos são escolhidos como nova morada? De acordo com Achille Mbembe (2014), um dos motivos é de ordem racial, devido à imensa reserva simbólica que constitui a presença “de uma comunidade negra cujas classes média e burguesa se encontram relativamente bem integradas nas estruturas políticas nacionais e muito visíveis no meio cultural” (MBEMBE, 2014, p.84). No entanto, o estudioso deixa explícito “que a referida comunidade continua a ser alvo de diversas formas de discriminação e que, mais do que as restantes, é a mais afectada pela pobreza urbana” (MBEMBE, 2014, p. 84). Desse modo, pode ser constatado, nos contos, como aparece a falta de infraestrutura nos bairros mais pobres dos Estados Unidos.

Chinaza é levada pelo seu novo marido para conhecer como funcionam as regras do novo país. Além disso, comparações entre Nigéria versus Estados Unidos são constantes, mas Odofile sempre valoriza o estrangeiro. Vale ratificar, nesse sentido, que o olhar da personagem revela também a desigualdade social nos Estados Unidos, apontado também por Mbembe. Pode ser lido que a rua do bairro que eles moravam era barulhenta e cheirava a peixe e as estruturas dos estabelecimentos comerciais eram precárias: “A borda da calçada estava lascada, como se tivesse sido roída por ratos” (ADICHIE, 2017, p. 187). Por mais que os personagens estejam no país considerado, por muitos, como o modelo a ser seguido, lá elas também encontram pessoas estadunidenses vivendo com menor poder aquisitivo.

No conto “No seu pescoço”, a personagem Akunna apresenta o lar como um lugar de desconforto tanto na Nigéria quanto nos Estados Unidos. Em Lagos, ela dividia seu quarto com seus pais e com três irmãos, sendo que as paredes não tinham pintura e não havia mobília suficiente. Nos Estados Unidos, primeiramente, ela foi morar com seu tio em Maine, numa

pequena cidade “para pessoas brancas”. No entanto, a personagem teve que abandoná-la, por ter sido assediada.

Ela chegou em Connecticut, pois era a última parada do ônibus, e alugou um quatinho minúsculo onde, constantemente, se batia nas paredes do corredor apertado, o que a deixava com manchas roxas nos braços. Seu patrão, ao notar os ferimentos, chegou a pensar que ela tinha um namorado violento. Além disso, à noite, ela sentia algo sufocando seu pescoço, antes de pegar no sono. Esse conjunto de desconforto e sufocamento provém das suas expectativas frustradas, do assédio, da falta de oportunidades tanto do campo educacional quanto do segmento profissional, além da perda do contato com os familiares, do isolamento, do preconceito, etc.

A protagonista da “Embaixada americana” tem sua casa confortável de dois pisos, mas esta é invadida por agentes do governo, sofre assédio e seu filho é assassinado na sua frente. Então, ela busca asilo nos Estados Unidos, mas, como não consegue, acaba voltando para a casa de seus ancestrais, na terra em que seu filho foi enterrado, em Umannachi. Seu filho é sua fonte de refúgio, pois seu marido estava envolvido com os assuntos políticos e tinha pouco tempo com a família, e até mesmo deixou de ir ao casamento de um primo para fazer uma entrevista com um jornalista.

O lar de Ujunwa tornou-se instável com o divórcio de seus pais, pois isso fez com que ela precisasse encontrar um emprego para ajudar nas despesas. O comércio de sua mãe, que importava sapatos de Dubai, agora passou a vender sapatos da região de Aba e, apesar de seu pai ser de classe média alta, ele não lhe oferecia muita ajuda financeira. Além do mais, foi ele quem indicou-a ao trabalho do banco, no qual ela deveria ter relações íntimas com um *hadji* para conseguir o emprego.

Outro aspecto cultural bastante trabalhado nas obras de Adichie diz respeito à língua. Logo no início da narrativa, os conflitos começam a surgir, pois Chinaza leva consigo toda uma bagagem cultural, mas, infelizmente, seu marido, em busca de integração americana, nega sua ancestralidade. Ele faz isso, por exemplo, “corrigindo” a maneira como sua esposa deve usar o inglês. O primeiro passo imposto é a mudança da linguagem:

“Conseguiu falar?”, perguntou meu novo marido.

“Está em comunicação?”, respondi, virando o rosto para que ele não visse minha expressão de alívio.

“Ocupado. Os americanos dizem ‘ocupado’, não ‘em comunicação’”, disse ele (ADICHIE, 2017, p. 184).

Do ponto de vista linguístico, a “correção” feita pelo marido da protagonista demonstra com frieza que, ao contrário das reflexões propostas acerca do **uso do inglês como língua franca**²⁰, pois o que há é uma clara hierarquização. **Isto é, ainda que a comunicação aconteça, que o interlocutor seja compreendido e respondido com efetividade, não é isso que é mais importante.** Para o personagem, é relevante falar como os estadunidenses falam, ou o mais próximo disso possível. Essa ideia da língua “nativa” como padrão a ser seguido já há muitos anos não condiz com uma perspectiva mais crítica acerca da linguagem, por mais que ainda possa estar em voga em setores extra-acadêmicos.

Pensando na questão da língua colonial, pode-se afirmar que Frantz Fanon (2020), assim como Adichie, também foi uma pessoa da diáspora. Na obra *Pele negra, Máscaras brancas*, ele aborda a relação do negro com a linguagem, observando que o negro estaria mais próximo do branco e da verdade quanto mais incorporasse a língua da metrópole.

Fanon analisa principalmente o negro que sai das Antilhas e vai para a França. Além disso, ele aponta a diferença entre os negros que saem da América e da África, sugerindo que os antilhanos estão mais próximos dos colonizadores do que os africanos. Dito de outra forma, fazer uso da linguagem do colonizador tornaria o negro superior aos outros negros e mais próximo do branco (FANON, 2020).

Todo povo colonizado — isto é, todo povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local — se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana. O colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores culturais da metrópole. Tão mais branco será quando mais rejeitar sua escuridão, sua selva. No exército colonial, e especialmente nos regimentos de fuzileiros senegaleses, os oficiais nativos são, antes de mais nada, intérpretes. Servem para transmitir a seus semelhantes as ordens do senhor, gozando eles próprios de certa respeitabilidade (FANON, 2020, p. 32).

As contribuições de Fanon não se limitam ao estudo das ex-colônias das Antilhas francesas, mas, também, a outros povos que foram colonizados pelos europeus. Partindo dessa premissa, de que a língua do colonizador retém status, pode ser observado, também nos outros contos, como aparece essa questão.

²⁰Uma língua franca é uma língua de comunicação desenvolvida ou selecionada por um grupo de falantes multilíngues, neste caso o inglês, com o objetivo de permitir que todos se comuniquem entre si. Pessoas de diferentes origens aprendem inglês para se comunicar com falantes nativos e também com falantes de outras línguas que conseguem se comunicar em inglês.

Em “Jumping Monkey Hill”, a protagonista comenta a fala do personagem Edward que, ao falar, alongava as palavras e tinha o tipo de sotaque britânico mais refinado e que alguns nigerianos ricos tentavam imitar, mas que, no fim, acabavam por soar cômicos.

Em “No seu Pescoço”, os estadunidenses pensavam que Akunna era jamaicana, pois achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro provinha da Jamaica. Alguns adivinhavam que a personagem era africana e iam logo dizendo que adoravam elefantes e queriam fazer um safári.

Em “A embaixada americana”, também aparece a crítica à adoção da língua inglesa. A personagem, ao descrever o coadjuvante que está na fila atrás dela, revela que o homem falava inglês como se tivesse medo de cometer algum erro. Em outra ocasião, ele a orienta, no momento da entrevista, dizendo a ela que não era para se autocorrigir, pois os funcionários da embaixada presumiriam que ela estaria mentindo:

Apenas se esforce para olhar o funcionário da entrevista bem nos olhos quando ele estiver fazendo as perguntas. Mesmo se disser alguma coisa errada, não se corrija, pois eles vão presumir que está mentindo. Tenho muitos amigos que eles recusaram, por coisas muito pequenas. [...]. (ADICHIE, 2017, p. 145).

Acrescenta-se a tudo isso, no conto “Os casamenteiros”, também há outra comparação acerca do inglês falado na Nigéria e nos Estados Unidos. Nesse contexto, é narrado que a tia da personagem Chinaza comenta que, quando ela voltasse para visitá-los, ela estaria falando “supri-supri”, ou seja, depressa-depressa, que nem os estadunidenses.

Além da língua, o nome diz muito sobre a questão cultural. O marido de Chinaza vive por mais de onze anos nos Estados Unidos e conhece as regras de “integração/civilização” e, para assumir uma identidade estadunidense, ele considera primordial assumir um nome estadunidense (para deixá-lo mais acessível na língua norte-americana). Sendo assim, o nome de Ofodile Okafor ele trocou para Dave Bell e de Chinaza Agatha Okafor para Agatha Bell. Chinaza questiona a diferença exorbitante do sobrenome Okafor para Bell, mas ele a repreende:

“Você não entende como as coisas funcionam neste país. Se você quiser chegar a algum lugar, tem que ser o mais **normal** possível. Se não for, vai ser largada na beira da estrada. Tem que usar nome inglês aqui.”
 “Eu nunca usei nome inglês só existe na minha certidão de nascimento. Fui Chinaza Okafor minha vida inteira” (ADICHIE, 2017, p. 186, grifos nossos).

De acordo com Wilson Trajano Filho e Juliana Braz Dias (2015), a permanência do idioma nativo é uma forma de resistência à opressão colonial, assim como seus hábitos, conhecimentos e organizações. Observando melhor os resquícios da colonização e seus efeitos,

Ofofile está entrelaçado pelo discurso do colonizador e almeja o enquadramento social com um propósito: o enriquecimento pautado no acúmulo de capital.

“[...] olhe para as pessoas que fazem compras aqui. São o tipo de pessoa que emigra e continua a agir como se estivesse em seu próprio país”, disse ele indicando com desprezo uma mulher e os dois filhos, que estavam falando espanhol. “Eles nunca vão avançar se não se adaptarem aos Estados Unidos. A sina deles é continuar comprando em supermercado como este” (ADICHIE, 2017, p.188).

Ofofile revela sua identidade de pessoa oportunista e que seu objetivo está centrado em bens materiais, ou seja, no poder de compra e no status social. Assim, ele ignora a sua cultura igbo: sua língua, seu nome, sua história, culinária e vestimentas. Inevitavelmente, a postura do personagem evidencia a hipocrisia por trás do discurso que definia os Estados Unidos como um “Crisol de Raças”. Isto é, ao abandonar suas origens, sua língua, sua cultura e até mesmo seu próprio nome, nota-se como não há uma miscigenação de raças, mas uma hierarquização que, de certo modo, acaba advogando pela homogeneização.

Nessa linha de análise, o personagem deixa bem claro, no início, que é preciso falar a língua inglesa de maneira mais próxima possível dos estadunidenses, abandonando sua língua materna. De acordo com Alessandra Martich Freitas (2018), a língua atualmente é um item utilizado para identificar a origem das pessoas e, segundo ela, não basta somente falar a língua, é preciso conhecer as particularidades. Por tais razões, torna-se uma das principais preocupações dos imigrantes e aqui, principalmente, de Ofofile. Afinal, ele não quer correr o risco de ser desprezado e, por isso, obriga sua esposa usar o inglês até mesmo dentro de casa. Ou seja, abdicar-se de sua língua e cultura não é uma ação que ele promove por não estar ciente de que isso faz parte de sua própria identidade, mas, precisamente, porque ele sabe disso.

Por outro enfoque, em relação à comida, os desafios encontrados também não foram diferentes. Afinal, os hábitos alimentares também estão incluídos no processo de adequação. Quando Chinaza chegou ao aeroporto dos Estados Unidos, por exemplo, os agentes da alfândega examinaram os alimentos que ela havia trazido: *egusi*²¹ moído, folhas de *enugbu*²² e

²¹*Egusi colosynthis citrullus lanatus* é um melão da África Ocidental. *Agushi, Agushi, Egusi*, etc. também são outros nomes para esta fruta. A polpa do melão é amarga e não comestível, sendo que apenas as sementes da fruta são consumidas. As sementes de Egusi são ricas em proteínas e têm sabor semelhante às sementes de abóbora. Cada semente é oval e esbranquiçada, com uma casca marrom clara. As sementes com casca são moídas e usadas em receitas nigerianas, especialmente na popular sopa Egusi. Disponível em: <https://spiegato.com/pt/o-que-e-egusi> Acesso em: 24/05/23.

²² Enugbu na língua igbo, mas também é conhecido como folha amarga (*Vernonia amygdalina*), é uma planta amarga cujas folhas, extratos, caules e cascas são usados para fins culinários, medicinais e curativos. As vitaminas na folha amarga incluem: Vitamina A, Vitamina C, Vitamina E, Vitamina B1 e Vitamina B2. *Vernonia amygdalina* é um arbusto ou pequena árvore de 2 a 5 m com folha peciolada de cerca de 6 mm de diâmetro e forma elíptica.

sementes de *uziza*²³, que foram confiscadas, devido ao risco de serem plantadas em solo americano. Apesar dos detalhes acerca de como essas sementes de *uziza*, que tinham passado semanas secando ao sol e eram tão duras quanto um capacete de bicicleta, incapazes de germinar, ela não ousou argumentar, porque não iria convencê-los.

No primeiro café da manhã nos Estados Unidos, Odofile descongelou panquecas no micro-ondas. As panquecas eram muito mais moles e finas do que a massa suculenta que Chinaza fazia em casa e, para acompanhar o alimento, eles tomavam chá sem leite e açúcar, porque era assim o hábito estadunidense.

No mercado, Chinaza ficou cismada quando seu marido colocou um pacote de carne no carrinho. Ela queria tocar a carne, examinar sua vermelhidão, como fazia no mercado Ogbete, onde o açougueiro erguia pedaços recém-cortados rodeados de moscas. Odofile comentou que, quando se tornasse médico assistente, não iria mais comprar em mercados onde se colocam barras de ferro para que as pessoas não tentem fugir com o carrinho de compras. Ele iria morar num bairro melhor, onde poderia sair com o carrinho do supermercado e levá-lo até o carro. Chinaza lembra, com nostalgia, da atmosfera do mercado ao ar livre de Enugu e dos feirantes bajuladores em suas barraquinhas com teto de zinco, prontos para barganhar o dia. Eles embrulhavam os produtos em sacolas plásticas e, quando não tinham, riam e ofereciam jornais velhos.

Quando foram visitar o shopping, Odofile gostaria que Chinaza provasse pizza, porque era uma coisa dos Estados Unidos e ela deveria amar. Chinaza, apesar disso, não apreciou a comida, e ocorre novamente uma comparação entre ambas culturas. Para ela, os alimentos são poucos cozidos nos Estados Unidos. Do outro lado, Odofile, argumenta que, na Nigéria, os alimentos são cozidos demais, perdendo, assim, os nutrientes. Nessa linha de análise, Stuart Hall revela um dos lados do efeito da globalização que consiste nas forças dominantes de homogeneização cultural que ameaçam subjugar todas as outras culturas. Mais especificamente, quem empreende essa força dominante é a cultura americana, impondo uma mesmice cultural, o que tem sido chamado de “McDonaldização” ou “Nike-zação” (HALL, 2003). No entanto, a globalização é obrigada a articular e a dialogar com a disparidade, pois o

As folhas são verdes com odor característico e sabor amargo. Disponível em: <http://sossegodaflora.blogspot.com/2021/02/alimentos-tradicionais-na-diaspora-afro.html> Acesso em: 24/05/23.

²³ Uziza como é chamada pelos Igbo, é uma planta conhecida pelo seu nome botânico como *Piper guineense*. Para os iorubás é chamado de *Ata iyere*. Chamando-lhe um nome diferente de seu nome botânico ou referência tribal, também é conhecida como pimenta preta da África Ocidental ou pimenta Ashanti. O tempero Uziza é frequentemente usado pela maioria das tribos da Nigéria para cozinhar sopas como *ofensala*, particular dos Igbo, e também *afiaefere*, que é uma sopa Efik, e também é usado na sopa de pimenta. Disponível em: <https://guardian.ng/life/what-are-the-health-benefits-of-uziza-leaves-and-seeds/> Acesso em: 24/05/23.

que está em jogo é o contraste perante a homogeneização. No final, pode-se observar como as personagens expressam a diversidade como ação reativa desse poder hegemônico.

Uma comparação bem interessante ocorre em relação ao espaço. A personagem Chinaza relata que eles foram comer pizza num lugar que Odofile chamou de “praça de alimentação”. Ela descreve “um mar de pessoas sentadas ao redor de mesas circulares, debruçadas sobre pratos de papel de comida gordurosa” (ADICHIE, 2017, p. 189). Então, ocorre novamente a comparação entre as duas culturas. Seu tio Ike ficaria horrorizado ao comer nesse lugar, pois ele recebeu títulos honoríficos e também não comia em casamentos se não fosse servido numa sala privada. “Aquele lugar era humilantemente público; havia uma falta de dignidade ali, naquele espaço aberto com mesas demais e comida demais” (ADICHIE, 2017, p. 190).

Eles também foram no McDonald’s, onde Odofile pediu dois hambúrgueres tamanho grande. No entanto, Chinaza foi instruída por tia Ada para não deixar seu marido comer demais na rua, pois ele acabaria nos braços de uma mulher que cozinha e que era para ela cuidar do seu marido como se fosse um ovo de galinha d’angola.

Para compensar por terem comido fora várias vezes, ela preparou arroz de coco e queria fazer sopa de pimenta, mas não possuía *uziza*, pois as sementes foram confiscadas pela alfândega.

Antes de eles irem, Shirley acenou para mim e disse: “O cheiro está muito bom”. Senti vontade de convidá-la para comer um pouco de arroz. Meu novo marido voltou meia hora depois e comeu a refeição cheirosa que eu coloquei diante dele, chegando até a estalar os lábios como tio Ike às vezes fazia para mostrar à tia Ada como estava satisfeito. Mas, no dia seguinte, ele chegou com um livro chamado *Receitas americanas de uma boa dona de casa*, grosso como uma Bíblia (ADICHIE, 2017, p. 192).

O processo de integração na cultura estadunidense deveria ser completo aos moldes do multiculturalismo conservador, pois, além do domínio da língua inglesa, também a comida deveria ser feita aos moldes dos norte-americanos. Isso porque até mesmo o cheiro do alimento preparado acusaria sua identidade estrangeira.

Em “Jumping Monkey Hill”, com relação à comida do resort, Ujunwa mostra indignação com o excesso de carne: medalhões de avestruz, salmão defumado e frango ao molho de laranja. No primeiro dia, Edward aconselhou todos que comessem avestruz, mas Ujunwa não gostou da ideia e nem sequer sabia se as pessoas comiam avestruz. No entanto, quando ela comentou, Edward riu e disse que avestruz era um prato típico da África. Em outro momento, também foi revelada a indignação perante a ausência do arroz em uma reunião

africana. No que diz respeito a bebidas, a cerveja era proibida no jantar só por que Edward achava que vinho era o mais correto.

Conforme já mencionado anteriormente, nota-se que, em “No seu pescoço”, há comparações entre a comida estadunidense e a comida nigeriana. Quando Akunna chegou ao aeroporto, seu tio comprou um enorme cachorro-quente com mostarda amarela, o que a deixou enjoada e fez com que comentasse que se tratava de uma “introdução aos Estado Unidos”. Outro fato é que, quando o tio de Akunna mudou para Maine, os vizinhos começaram a comentar que os esquilos estavam, de súbito, desaparecendo, insinuando, na sequência, que os africanos comiam mesmo todo tipo de animal selvagem.

Na casa de seu tio, eles comiam Garri ²⁴ mesmo estando nos Estados Unidos. A essa altura, ela lembra das suas tias na Nigéria vendendo peixe seco e banana-da-terra na rua e adulando os passantes para comprar e gritando insultos para aqueles que recusavam. Recordar-se, também, dos tios, que bebiam o gim nacional e espremiavam suas famílias em apenas um cômodo.

Em outra ocasião, Akunna e seu namorado foram numa loja de produtos africanos. Seu namorado andava pela loja com certa intimidade, virando a garrafa de vinho de palma para ver quando sedimento havia nela, fazendo o dono acreditar que ele era africano. Akunna preparou *garri* e sopa de *onugbu*²⁵, mas ele acabou vomitando. Ela ficou feliz porque iria preparar *onugbu* com carne. Seu namorado não comia carne porque achava errado o método com o qual matavam os animais e, segundo ele, esse método incorreto acabava liberando toxinas do medo na corrente sanguínea dos animais, toxinas essas que deixavam as pessoas paranoicas. Ela não contou para ele que, na Nigéria, havia pouca carne e que, quando havia, era do tamanho da metade de um

²⁴É feito com a fermentação e torragem da raiz da mandioca é um dos alimentos básicos da culinária da África Ocidental. Também conhecido como gari, garri, tapioca, sulfato de garium, farofa e poi, esse alimento fermentado está disponível nas formas de grãos finos, médios e grossos, nas cores branca e amarela. A textura varia de como a raiz é moída e peneirada, e a cor vem da adição de óleo de palma (o óleo de palma dá cor e sabor às aparas e também é útil para diminuir o teor de cianeto na mandioca) a versão com óleo de palma é geralmente mais procurada. Garri pode ser comprado em supermercados ou pode ser preparado em casa. Pode ser servido de diferentes maneiras para diferentes refeições. Pode ser consumido assado ou frito, pode ser misturado com água fria ou servido com leite e açúcar ou mel. As aparas secas podem ser moídas até formar uma farinha fina, que geralmente é misturada com água quente para formar um mingau chamado eba ou utara. A farinha também pode ser usada como espessante de sopas e para fazer uma caldeirada de legumes chamada foto garri. Ele também é usado para fazer um ensopado de feijão chamado yor ke garri e um bolo de feijão chamado akara. Muitas pessoas na África e em todo o mundo comem garri diariamente. É rico em amido e possui alto teor de fibras, proteínas e vitaminas. Também costuma ser cozido com vegetais, banana, coco, amendoim, castanha de caju, peixe e carne. Disponível em: <https://spiegato.com/pt/o-que-e-garri> . Acesso em: 23/05/2023.

²⁵ A sopa Onugbu é um prato nigeriano popular que normalmente é feito com um tipo de vegetal verde folhoso chamado "onugbu", que dá à sopa seu sabor amargo característico. A sopa costuma ser feita com uma variedade de carnes, como carne bovina, frango ou cabra, além de temperos e outros ingredientes como cebola, pimenta e óleo de palma. Disponível em: <https://fritter.recipes/products/onugbu-bitter-leaf-soup-colombia> . Acesso em: 23/05/2023.

dedo. Ela também não contou que sua mãe colocava cubos de *dawadawa*²⁶ em tudo que cozinhavam, pois curry e tomilho eram caro demais, além do fato de que esses cubos continham glutamato monossódico. Ele dizia que glutamato de monossódico causava câncer.

No conto “A embaixada americana”, há a comparação do azeite de dendê com o sangue de Ugonna filho da personagem principal e de um civil que está sendo espancado por um soldado. É interessante assinalar que esse alimento também está presente na cultura brasileira principalmente na Bahia, um dos estados que mais recebeu escravizados. Outro fato que vale a pena mencionar é quando o homem que está atrás oferece laranja descascada para a protagonista. Nesse ambiente da fila do visto, aparecem vários alimentos que estão sendo vendidos na calçada, entre eles doces coloridos, magas, laranja, cigarros, biscoitos, etc.

As vestimentas aparecem de maneira tênue, mas são bem significativas. Em “Jamping Monkey Hill”, a sul-africana recebe olhares desconfiados dos hóspedes do resort, devido ao fato de somente usar cafetãs²⁷ estampados. Em “A embaixada americana”, no enterro de Ugonna, a personagem principal assim como suas amigas e parentes usavam vestidos da mesma estampa.

Nos “Casamenteiros”, Odofile compra, para sua esposa, um casaco pesado “da cor do céu de um dia triste” (p. 190). Além disso, Chinaza percebeu, quando passeava no shopping, nos Estados Unidos, que as vestimentas das pessoas negras ostentavam as marcas do estrangeiro e que havia alteridade em seus rostos. Então, quando Chinaza arruma a mala para sair da casa de Odofile, ela coloca apenas roupas que ele não tinha dado pra ela: dois *boubous*²⁸ e um cafetã. Além disso, em “No seu pescoço”, os parentes de Akunna pediram para ela comprar presentes para eles, como roupas, sapatos, bolsas e perfumes.

Acerca da vestimenta e as representações sociais, pode ser mencionado que, no livro *Sejamos todos feministas* (2015), Adichie revela sua preocupação com a roupa no início da sua

²⁶ A árvore cresce dawadawa nas savanas da Nigéria. Ela produz vagens que são trituradas em um preto, pasta fermentada e depois armazenados em cubos rígidos, bolos ou bolas. Embora pungente, ele adiciona sabores complexos para molhos nigerianos. Disponível em: <http://www.tabonfils.com/especiarias-nigerianos/> acesso em: 23/05/23.

²⁷ Túnica longa e solta não raro com bordados nas barras e na orla do decote. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cafeta/> Acesso em: 01/06/23.

²⁸ Usado por homens e mulheres em toda a África Ocidental e nas comunidades diaspóricas da África Ocidental na Europa e nos Estados Unidos. Costurado a partir de uma única peça de tecido, o boubou geralmente tem 150 cm de largura e comprimentos variados. O boubou é feito dobrando o tecido ao meio, formando uma abertura no pescoço e costurando as laterais até a metade para fazer mangas esvoaçantes. Para as mulheres, o pescoço é grande e arredondado, para os homens, forma um longo formato em V, geralmente com um grande bolso de cinco lados cortando a ponta do 'V'. Quando rigidamente engomado e enrolado sobre o corpo, o boubou cria para seu usuário a aparência imponente e elegante, com altura e presença majestosas. Os homens usam o clássico boubou com uma camisa combinando e calças por baixo. As mulheres o usam com uma capa combinando ou pagne e um acessório de tecido na cabeça. Disponível em: <https://fashionhistory.fitnyc.edu/boubou/> Acesso em: 01/06/23.

carreira. Na primeira aula de um curso de pós-graduação, por exemplo, ela se sentiu insegura com a questão do que vestir. Ela gostaria de passar uma imagem de seriedade e estava com medo de **parecer feminista** e não ser levada a sério. Assim, ao invés de passar batom e usar uma saia, preferiu um terno. Adichie reflete sobre a questão da aparência, que está pautada no enaltecimento do masculino porque **quanto mais a aparência de uma mulher se parecer com a de um homem, mais chances ela terá de ser ouvida**. Outro ponto a ser levantado e que foi abordado nos contos é a questão de a aparência ocidental ter mais credibilidade, com vestimentas retas e desprovidas de cores.

Por outro enfoque, com relação aos códigos sociais, no conto “Os casamenteiros” aparece a ideia do que se espera dos papéis a serem desempenhados pelas mulheres e pelos homens. Chinaza foi educada pelos seus tios para casar, servir e agradar o marido. Em outras palavras, a primeira coisa que se espera da mulher é que ela case e, em segundo lugar, que faça as atividades domésticas e agrade o marido. Nessa linha de análise, pode-se perceber o entrelaçamento da cultura ancestral com a modernidade no que diz respeito ao casamento, de acordo com Chinua Achebe (2012, p. 16):

O casamento é uma coisa difícil; é maior do que qualquer homem e do que qualquer mulher. Assim, os igbo não pedem que você o encare, levantando um cartaz com seus princípios, tampouco lhe pedem que dê meia-volta e fuja. Eles pedem que você encontre uma maneira de lidar com a coisa. Covardia? Ora, vocês não conhecem o povo igbo (ACHEBE, 2012, p. 16).

Aos poucos, Chinaza vai começar a entender essa relação com seu marido. Nesse momento, a referência central é a influência da família nuclear porque a cultura igbo também é misógina. De acordo com Achebe, existe um provérbio em igbo “no qual a mulher diz que não faz questão de ser amada pelo marido, contanto que ele ponha inhame na mesa do almoço todos os dias” (ACHEBE, 2012, p. 16). Coerente com essa premissa, Chinaza não foi ensinada a questionar nem a tomar decisões. A princípio, ela gostaria de fazer novamente o exame nacional de admissão e tentar entrar numa universidade, mas seus tios encontraram um marido para ela. Contudo, sua visão muda quando conhece sua vizinha Nia.

Da primeira vez que eu vi Nia, a moradora do 2D, achei que ela era do tipo de mulher que a tia Ada não aprovaria. Tia Ada a chamaria de ashawo por causa da blusa transparente que usava, deixando o sutiã de cor diferente bem visível. Ou então ela ganharia o título de prostituta por causa de seu batom, que era laranja e cintilante, e da sombra – de um tom parecido ao do batom – que espalhara nas pálpebras pesadas (ADICHIE, 2017, p. 193).

A personagem Nia é vista como uma má influência porque que ela tem liberdade, trabalho, consegue se sustentar sozinha e também se relaciona com vários homens. Ela é o oposto da Chinaza, que é recatada, do lar e submissa. A partir desse encontro, a personagem protagonista começa a ter consciência da sua situação de dominada, tanto dentro do casamento quanto em relação à sua cultura e no que diz respeito à cilada da vida fácil nos EUA.

A primeira questão foi o nome. Ela percebe que alterar o nome é assumir outra identidade. Nesse sentido, ela se surpreende quando descobre que sua amiga havia feito a troca contrária: isto é, abriu mão de seu nome estadunidense e escolheu um africano. Nota-se, aqui, uma questão da revalorização das raízes africanas pelas mulheres afro-americanas. Nesse caso, essa mudança ocorreu por vontade própria, devido à experiência de Nia por três anos na Tanzânia. Ter conhecimento da história do seu povo foi muito importante para mudar seu ponto de vista, e Chinaza reconhece isso, pois havia sido forçada a usar outro nome e, conseqüentemente, a renunciar a uma parte importante de sua própria história. Posteriormente, influenciada por sua amiga para conseguir mais independência financeira, a protagonista aguarda o visto de cidadã americana legalizada, que provavelmente chegaria no inverno. Nessa linha narrativa, aconteceu que:

O inverno me pegou de surpresa. Uma manhã, eu saí do prédio e tomei um susto. Era como se Deus estivesse rasgado pedaços de papel branco e jogando lá de cima. Eu fiquei parada olhando pela primeira vez a neve, os flocos que giravam no ar, por um longo, longo tempo antes de voltar para o apartamento. Limpei o chão da cozinha de novo, cortei mais alguns cupons de desconto do catálogo do Key Food que vinha pelo correio e fiquei sentada diante da janela, vendo Deus começar a rasgar seus papéis freneticamente. O inverno tinha chegado e eu ainda estava desempregada. Quando meu marido chegou em casa à noite eu coloquei as batatas fritas e o frango frito na mesa diante dele e disse: “Achei que meu visto de trabalho já ia ter chegado a essa altura” (ADICHIE, 2017, p. 195-196).

Não foi só o inverno que a surpreendeu, mas também seu marido, que guardava um segredo inconveniente. Dave já havia casado com uma mulher estadunidense, antes de Chinaza, para conseguir o *greencard*. O divórcio que havia sido combinado entre os dois, após a união, só não foi efetuado porque essa mulher descobriu os planos de Dave de se casar na Nigéria e o chantageou para receber mais dinheiro.

Por tais razões, Chinaza sente-se presa e limitada pela cultura misógina. Agora, quem abre seus olhos é seu marido. Ela não poderia dizer não para seus tios por causa da escolha que eles fizeram: um marido nigeriano, médico e que morava nos Estados Unidos. Então, ao questionar por que ele a havia escolhido, se revela também o discurso racista. Ele queria uma esposa nigeriana e sua mãe falou que ela era uma menina boa, tranquila e que talvez fosse até

virgem. Nesse caso, no âmbito da cultura ocidental, espera-se, como de costume, que a mulher case virgem, mas o homem não. Em *Sejamos todos feministas* (2015), Adichie se questiona acerca de como isso pode funcionar, se a perda da virgindade é um processo que normalmente ocorre com duas pessoas. Quanto a isso, o marido de Chinaza fica decepcionado, por saber que ela não era virgem e que teria que contar para sua mãe. Para finalizar, Dave prossegue com seus argumentos: “‘Eu fiquei feliz quando vi sua foto’, [...]. ‘Você tinha a pele clara. Eu tinha que pensar na aparência dos meus filhos. Negros de pele clara se dão melhor nos Estados Unidos’” (ADICHIE, 2017, p. 197).

De acordo com Trajano Filho (2015), os resquícios do colonialismo continuam presentes atravessando o campo das representações, dos discursos e dos valores, classificando e hierarquizando essas representações. Nesse sentido, a cor de pele é uma das etapas da hierarquia neocolonial. Odofile/Dave tem consciência disso, pois não se trata de um simples preconceito sobre sua etnia.

No término da narrativa, Chinaza toma uma atitude e sai de casa sem avisar seu marido. A personagem vai para a casa de Nia e logo as duas já estão conversando, refletindo e tomando chá com leite (que o marido da Chinaza lhe proibira, como já apontado, por não ser um hábito estadunidense). Então, ela percebe sua situação e entende que não tem opção, a não ser voltar e esperar que as coisas se resolvam, mas agora ela não é mais submissa às escolhas de terceiros, pois tem consciência da realidade opressora que sofreu desde a infância e, também agora, da imposição da cultura norte-americana. Ou seja, apesar da sensação de inércia física, já que, na prática, ela sente que nada pode fazer, ter combatido a inércia emocional é algo libertador. Afinal, ao invés de aceitar sua situação, finalmente ela percebe o quanto essa situação é injusta e fica na expectativa de conseguir o *greencard* para começar a trabalhar e ter mais independência.

Em linhas gerais, as quatro personagens percebem o conflito no qual estão inseridas e tomam decisões, escolhendo uma direção para seguir e traçar o seu próprio caminho. Apesar do fato de que essa decisão não tenha sido necessariamente revolucionária, as escolhas podem consistir em ficar e esperar até que os problemas se resolvam, retornar para a Nigéria e deixar em aberto sua volta, como Akunna, se refugiar na cidade dos seus ancestrais, como a mãe de Ugonna ou rir com bastante deboche e falar o que precisa verbalizado, como Ujunwa. Desse modo, as personagens sentem um profundo mal-estar diante da organização social que as cerca e percebem a necessidade de ampliar os seus horizontes através de dois métodos: o estudo e o trabalho. **Advém daí a premissa de que o conhecimento é a chave para a mudança de atitude e para libertar-se**, sendo que esse ponto é importantíssimo para a

escritora Adichie. Sua mensagem às mulheres negras e em geral é: libertar-se das amarras, dos sufocamentos, dos silenciamentos das estruturas hierárquicas e homogeneizantes.

Considerações finais

Esta dissertação é fruto de uma análise da coletânea de contos intitulada *No seu pescoço* (2017), terceiro livro da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, publicado primeiramente em abril de 2009, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Observou-se, nesta pesquisa, que seus contos, assim como os seus romances em geral, possuem narrativas que destoam dos clássicos padrões elaborados pelos ocidentais. Nesse sentido, tais narrativas promovem uma ruptura dos padrões narrativos sendo que, enquanto a personagem africana ganha um papel de destaque, o estrangeiro aparece como um mero coadjuvante ao passo que, na literatura clássica Europeia, os africanos são representados como os indivíduos sem atitudes e animais. Em sua obra, Adichie insere-os como protagonistas, mesmo que estes vivenciem situações de opressão.

Notou-se que Adichie busca contar o outro lado da história da África na sua extensão e pluralidade, em detrimento da história do colonizador. Nessa perspectiva, destaca-se a riqueza das identidades e das nações que não são fixas, além das táticas engendradas no âmbito da construção da mulher como sujeito social e histórico. Desse modo, assim como a escritora se utiliza da escrita literária para denunciar, muitas vezes, a história oficial/ homogênea, o historiador pode se utilizar de suas narrativas para analisar sua produção artística. Diante disso, a função do historiador, ao analisar literatura, de acordo com Pesavento (2003), deve ocorrer no sentido de observar as sensibilidades acerca de como os seres humanos representam a si próprios e à realidade, trabalhando com o campo dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta, das gestualidades e das ações sociais.

Além disso, uma das principais características da obra de Adichie é sua própria auto-influência. Pelo fato de a escritora ser descendente da etnia igbo, a maioria das personagens pertencem a essa etnia. Nesse ínterim, as frases em igbo não possuem tradução, sendo que o leitor presume o significado através do contexto. Dessa forma, além de mencionar frases em igbo, Adichie valoriza sua língua os nomes e sua cultura.

É preciso situar, de antemão, que as personagens de Adichie não são frágeis nem dissimuladas, são mulheres fortes que possuem/ou adquirem conhecimento sobre sua real situação numa sociedade hierarquizada socialmente e culturalmente. Por conseguinte, as

perspectivas das personagens estão, de certa forma, envolvidas com a busca do conhecimento superior. Akunna, uma das personagens, vai para os Estados Unidos para estudar numa universidade comunitária. Chinaza, antes de casar, queria prestar novamente o exame nacional para tentar entrar numa universidade. Ujunwa gostaria de estudar literatura e tornar-se escritora; no entanto, fez economia. Finalmente, pode-se mencionar a personagem não nomeada, que fez jornalismo.

O próprio título da coletânea, *No seu pescoço*, na versão original em inglês *The Things Around Your Neck* (As coisas à volta do teu pescoço) retrata o sufocamento, o desconforto e o silenciamento, não só da personagem Akunna, mas também das demais. Assim, as personagens percebem o conflito no qual estão inseridas e tomam decisões, escolhendo uma direção para seguir e traçar o seu próprio caminho.

Ademais, a análise evidenciou a importância da literatura enquanto prática linguística no que diz respeito à disseminação de imagens sobre determinada sociedade, que podem perpetuar preconceitos ou trazer novas visões sobre elas. Trata-se de reconhecer, também, a pluralidade das narrativas trabalhadas no que diz respeito as identidades que ora se encontram, ora destoam, atravessadas principalmente em relação à mulher representada. Não raramente, tais representações são construídas a partir do olhar do outro, de formas limitadas e estereotipadas. Desse modo, as imagens trazidas nos contos recontam a história de povos e de um continente marginalizado. É nesse contexto que se pode afirmar que Adichie e suas obras lançam luz sobre essas questões, por muito tempo silenciadas ou ignoradas no campo literário e histórico.

Para finalizar, é preciso destacar que a presente dissertação não é um trabalho fechado nem concluído, principalmente por se tratar das questões da diversidade num mundo no qual os trânsitos culturais estão cada vez mais intensos. Salienta-se, ainda, que os pontos centrais aqui abordados, como colonialismo, gênero, história/literatura e identidade, podem ser associados à necessidade de haver mais estudos e pesquisas, a fim de preencher as eventuais lacunas desta dissertação. Isso porque, a partir de novas questões e de novas perspectivas referentes a novos olhares, o texto literário oferece um terreno fértil para fazer aflorar novos horizontes de análise.

Referências Bibliográficas

ACHEBE, CHINUA. **A educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARENT, Hannah. **Sobre a Violência**. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

DAVIES, Carole Boyce. **Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subject**. New York: Routledge, 1994.

DINESEN, Isak. Grandes entrevistas: Isak Dinesen. **Tiro de letra**, s. p., 2017. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/IsakDinesen.htm#> Acesso em: 13 abr. 2013.

DÖPCKE, Wolfgang. A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 42, n.1, p. 77-109, 1999.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M. **A History of Nigeria**. Londres: Cambridge University, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

FERRERA, Andrey C. Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anti e pós-colonial. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, p. 255-288, 2014.

FREITAS, Alessandra Martich. Feminismo africano e nigeriano em Americanah de Chimamanda Ngozi Adichie: da teoria à ficção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS, 10., 2018, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2018.

GORDIMER, Nadine. **Tempos de Reflexão**: de 1990 a 2008. São Paulo: Globo, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista Hoje**: Perspectivas Decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LOSURDO, Domênico. **Guerra e Revolução**: o mundo um século após outubro de 1917. São Paulo: Boitempo, 2017.

MBEMBE, Achille. O que fazer com as estátuas e os monumentos coloniais? **Revista Rosa**, São Paulo, v. 2, 10 nov. 2020. Disponível em: <https://revistarosa.com/2/o-que-fazer-com-as-estatuas-e-os-monumentos-coloniais> Acesso em 20 abr. 2023.

MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Luanda: Pedago, 2014.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

PERKOWSKA, Magdalena. **Historias híbridas**: la nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías posmodernas de la historia. Madrid: Iberoamericana, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

PATON, Alan. Alan Paton: Escritor sul-africano e ativista antiapartheid. **Casa África**, s. p., 2019. Disponível em: <https://www.casafrica.es/pt/pessoa/alan-paton> . Acesso em: 12 abr. 2023.

PINTO DE SÁ, José. Dambudzo Marechera: Memórias da Casa da Fome. **Buala: Cara a cara**, s p., 11 jan. 2011. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/dambudzo-marechera-memorias-da-casa-da-fome>. Acesso em 11 abr. 2023.

PUPPO, Joana d'Arc Martins. **Representações de Gênero, Raça e Classe na Literatura de Mulheres Negras na África do Sul Pós-Apartheid**. Curitiba: CRV, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SAID, Edward. **A questão da Palestina**. São Paulo: EDUNESP, 2012.

TRAJANO FILHO, Wilson; DIAS, Juliana Braz. O Colonialismo em África e seus Legados: classificação e poder no ordenamento da vida social. **Anuário Antropológico**, v. 2014, n. 02, p. 9-22, 2015.

- Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do
PPGH/UNICENTRO.
- Autorizo apenas a divulgação do resumo e do abstract no banco de dados do
PPGH/UNCENTRO.

Irati(PR), 27 de julho de 2023.

Luana Micheli Miranda

Nome do(a) mestre(a)